A Fraternidade de Shamballa

J. van Rijckenborgh

EDITORA Rosacruz

A Fraternidade de Shamballa

A Fraternidade de Shamballa

POR

J. van Rijckenborgh

E

Catharose de Petri

EDITORA
Rosacruz

Copyright © 1948 Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda

Título original:
De Broederschap van Shamballa

Tradução da edição holandesa de 1989

3.ª edição revisada e corrigida
2007
IMPRESSO NO BRASIL

Lectorium Rosicrucianum
Escola Internacional da Rosacruz Áurea

Sede Internacional
Bakenessergracht 11-15, Haarlem, Holanda
www.rozenkruis.nl

Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Travessa das Pedras Negras, 1, 1.º, Lisboa, Portugal
www.rosacruzlectorium.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rijckenborgh, J. van, 1896–1968.
A Fraternidade de Shamballa / por J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri ;
[tradução: equipe de tradutores do Lectorium Rosicrucianum]. —
3. ed. rev. e corr. – Jarinu, SP : Rosacruz, 2007.

Título original: *De Broederschap van Shamballa*
ISBN: 978-85-88950-43-6

1. Fraternidade de Shamballa 2. Rosacrucianismo
I. Petri, Catharose de. II. Título

07-9338 CDD–135.43

Índices para catálogo sistemático:
1. Fraternidade de Shamballa : Rosacrucianismo : Esoterismo 135.43

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Rosacruz
Caixa Postal 39 — 13.240-000 — Jarinu — SP — Brasil
Tel. (11) 3061.0904 — (11) 4016.1817 — FAX (11) 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br

Sumário

	Prefácio	7
1	Os mistérios do deserto de Gobi — I	9
2	Os mistérios do deserto de Gobi — II	17
3	A Mãe dos Viventes	25
4	As sete passagens para Shamballa	33
5	A ilha de Ísis	41
6	O último remanescente	49
7	Os duplos Elohim	57
8	O abismo do conhecimento	63
9	As Filhas da Terra Santa	71
10	Os Filhos da Vontade e da Ioga	79
	Biografia do autor	87
	Glossário	91

Prefácio

O conteúdo deste livro, sobre a Fraternidade de Shamballa, foi apresentado na forma de alocuções, no templo-átrio da Rosacruz. Como se trata de uma mensagem da Fraternidade a todos os alunos da Escola Espiritual, foi preservado, nesta publicação, o mesmo estilo.

Esta mensagem vai seguindo, agora, seu caminho para um círculo cada vez mais amplo de pessoas interessadas. Esperamos e oramos que os corações possam mostrar-se receptivos e venham a reagir de modo adequado.

J. van Rijckenborgh
Catharose de Petri

I

Os mistérios do deserto de Gobi — i

Citando o sábio chinês Chuang, a sra. Blavatsky disse: "As coisas que o homem conhece não podem, de forma alguma, ser comparadas, numericamente falando, às coisas que desconhece".

Na verdade, em relação ao que deveria ser conhecido, o saber humano é uma proporção ínfima. Existem, naturalmente, tantos mistérios no cosmo e no microcosmo,*[1] e o Logos mostra-nos um número tão prodigioso de fenômenos impenetráveis, que ninguém pode ser censurado pelo fato de a compreensão humana permanecer muito aquém da realidade universal. As palavras do salmista no Salmo 139: "Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim" são a honesta confissão de um homem confrontado com a criação divina. Todavia, é fato que conhecimento e compreensão humanos se desenvolvem, muitas vezes, em direções diametralmente opostas às revelações divinas, e, por isso, é bem apropriada a palavra do sábio chinês.

Essa situação real não é isenta de sérios perigos. O Logos não difunde seu conhecimento universal pelo mundo ininteligentemente e ao acaso, uma vez que qualquer revelação divina tem um fundamento de necessidade e razão absoluta. Por conseguinte, o conhecimento perdido é uma acusação contra a humanidade e

---

[1]Palavras seguidas por um asterisco no texto aparecem no Glossário, que se inicia na p. 91.

coloca-nos, de tempos em tempos, ante conseqüências extremamente desagradáveis e situações humilhantes.

Desse modo, podeis imaginar que a Escola* Espiritual, de tempos em tempos, se esforça por conduzir pelo menos parte da humanidade de regresso a essa causa primordial da necessidade e da razão absoluta, a fim de despertar uma reação em harmonia com a exigência divina. É sob essa luz que deveis considerar este livro. Não tencionamos, em absoluto, falar-vos de modo mais ou menos interessante a respeito dos mistérios do deserto de Gobi. Nossa tarefa é informar-vos de coisas que deverão suceder em breve e não devem encontrar-vos desprevenidos.

Nosso ardente desejo é que possais testemunhar conosco da época feliz em que serão desvendadas não só uma parte do mundo até agora desconhecida e que nos está oculta, mas também inúmeras obras maravilhosas e criaturas da natureza original, jamais vistas até então. Compreenderemos, assim, as razões por que somos chamados microcosmos e até onde pode alcançar nosso conhecimento da natureza original e de Deus. Para as massas, nossa época é importante em virtude do movimento de acontecimentos políticos, sociais e econômicos. Somente para uns poucos nossos tempos significam, em sua perplexidade, o prelúdio de uma revolução cósmica que será realizada não somente de cima, mas também de baixo.

A fim de que possamos compreender tudo o que se relaciona com isso, precisamos aproximar-nos, até certo ponto, dos mistérios do deserto de Gobi. A revelação que isso implica não deve ser vista como profanação, mas como amadurecimento dos tempos e uma *Fama Fraternitatis* para todos os que têm ouvidos para ouvir e olhos para ver.

Enquanto a Fraternidade* Universal dedicar-se a este mundo e ao nosso gênero humano decaído, o centro de sua atividade estará situado no coração do deserto de Gobi, na Ásia Central. Todos os outros focos do trabalho espiritual, dos quais temos tratado no

curso dos anos, dentre eles, o da Austrália, o da Grande Pirâmide, o das Colunas de Hércules, nas vertentes meridionais do Atlas, o do Himalaia e diversas outras atividades da Fraternidade, tais como as existentes nos dois pólos, tudo se origina do verdadeiro coração espiritual do mundo, situado na mais inacessível região do Gobi, e é guiado por ele.

Na realidade, o Gobi não é um deserto de areia, e sim uma árida e desolada região de estepe, de tamanho imensurável para nós. Ele é tão desconhecido e bem mais inacessível que, por exemplo, o Grande Chaco da América do Sul. Poucos viajantes tentaram penetrar no coração do Gobi. Ele é rodeado de solidão e lúgubre terror. Com raras exceções, não existe literatura relativa a essa área e seus mistérios, especialmente porque a atenção dos especuladores espirituais está voltada para as partes mais conhecidas do globo. Existe o bem conhecido trabalho de Marco Polo, escrito no século XIII, enquanto estava prisioneiro. Marco Polo viajou ao longo da antiga e clássica rota do chá para a China, rota que conduzia, em parte, através do Gobi. Ele escreveu sobre o terror profundo e da santa veneração sentida pelos que moram nos arredores do Gobi, devido a muitas manifestações espectrais que ali ocorrem.

A causa desses fonômenos espectrais é muito clara para o gnóstico. Os éteres planetários são tão transparentes e concentrados no Gobi que a esfera química e a etérica do mundo material se interpenetram de maneira quase imperceptível. Em conseqüência, fatos e ocorrências da esfera* refletora tornam-se claramente visíveis aos sentidos materiais comuns. Esses fenômenos têm provocado pavor mortal do Gobi, resguardando-o, assim, dos profanos e mantendo total desconhecimento dessa região até hoje.

Entretanto, no mais antigo conhecimento universal, o Gobi sempre desempenhou seu papel. Desde o princípio da dialética,*

o coração dessa área tem sido designado como a Terra Santa dos filhos de Deus. E quando a Bíblia e os iniciados falam, com relação ao nosso planeta, da "Terra Santa", certo é que não indicam a região onde árabes e judeus combatem-se com armas ocidentais.

Todos os impulsos metafísicos para a regeneração do mundo e da humanidade foram e continuam sendo enviados desse coração do mundo para espalhar-se em raios sobre toda a terra, deixando seus marcos por toda parte. A engenhosa estrutura da Grande Pirâmide, a sabedoria e a força dos maniqueus* e dos cátaros* e a missão da Rosacruz moderna provêm dessa única fonte. A sede da Ordem dos *Siddha,*[2] a Fraternidade Universal, está localizada nessa Terra Santa.

Muitas lendas foram tecidas em torno do Gobi, e fragmentos de acontecimentos históricos passados têm sido tomados como base para misteriosas histórias. A Sabedoria Antiga fala-nos que muito antes da civilização pré-lemuriana existia um grande mar interior no lugar onde agora existem lagos salgados e desertos áridos. Em doze ilhas, no coração desse mar, vivia o "último remanescente" da raça divina. Essas ilhas eram de sublime beleza. Os habitantes divinos eram também denominados "os Filhos da Vontade e da Ioga", ou "os verdadeiros Elohim", que eram senhores de todos os segredos da natureza e estavam de posse da Palavra impronunciável, agora perdida. Eles conhecem os mistérios da natureza original e os preservam para todos os que para eles se enobrecem.

Esse reino de ilhas ainda existe como um oásis, no Gobi. Todos os que conhecem a Palavra secreta estão a par desse fato e são aí admitidos. É impossível encontrar, pelos meios comuns, um caminho para o oásis do Gobi. Tanto por terra como pelo ar, a região inteira é cuidadosamente protegida contra intrusos. Há apenas sete entradas secretas, indicadas em termos velados como as sete

---

[2]Palavra sânscrita que significa puros, santos.

passagens subterrâneas para Shamballa. Fomos instruídos para falar-vos sobre todas essas coisas e informar-vos da profundidade de toda a sabedoria que a humanidade outrora possuiu, pois o tempo das revelações despontou. Por conseguinte, não limitaremos nossa revelação sobre essas coisas sagradas a algumas poucas palavras, de modo que assim elas sejam novamente esquecidas amanhã, na tensão nervosa de nossos dias.

Foi profetizado, há muito, que tudo o que está oculto seria revelado um dia; mas foi dito também que muitos falsos profetas se levantariam; foi-nos advertido não acreditar em todo espírito, mas examinar se realmente é de Deus!

E a Bíblia adverte: "Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus".

Sempre que uma grande mudança se desenvolve na marcha do mundo, o que está oculto em Deus, no absoluto, é revelado, e a humanidade inteira é confrontada com a vida da absoluta realidade do reino imutável. Essa revelação, esse desvendamento, acontece primeiro não como julgamento, mas como um chamado para a ressurreição. Tampouco essa revelação pode ser considerada como demonstração pública, mas como sacrifício de amor, quase insuportável, pelos que se consagraram a Deus, em nosso benefício, a nós que estamos em aflição.

Quando esse sacrifício for realizado, todos vós sereis capazes de reconhecê-lo como o espírito de Deus, caso ele possa ser irrefutavelmente unido à confissão de que Jesus Cristo veio em carne. Isso não significa alguma crença histórica que há cerca de 2000 anos certo Jesus veio em carne; mas significa a revelação, com certeza científica, da realização de Jesus e da radiação de Cristo em nosso ser, em nossa própria carne, em perfeita força, beleza e realidade. A revelação dos últimos tempos, precedendo à grande revolução cósmica, dará ao homem perfeita visão da verdadeira

vida da humanidade original e efetuará, inevitavelmente, perfeito desmascaramento de todos os especuladores metafísicos, sejam clericais ou filosóficos e colocará a todos, sem exceção, ante uma escolha decisiva.

Por conseguinte, não está longe o tempo em que, por toda parte, as pessoas falarão, com perplexidade e veneração, com medo e tremor, com fúria lunática ou intensa gratidão, sobre as sete passagens para Shamballa. A revolução cósmica não consiste apenas em um processo intercósmico de respiração, ligado obrigatoriamente às mudanças geológicas e atmosféricas, mas expressa, ao mesmo tempo, intenso esforço para salvar o gênero humano.

Após cada revolução cósmica, a humanidade mergulha mais profundamente na ilusão e na matéria dialética. A civilização lemuriana, do nosso ponto de vista, foi mais gloriosa e estava dotada com maiores possibilidades do que a da Atlântida, que a seguiu. O mesmo se pode dizer da era atlante comparada à nossa, a ariana. E, na próxima era, as possibilidades serão muito mais restritas do que na nossa, devido à densificação cada vez maior da matéria e da maior limitação do raio de ação espiritual.

A esse respeito, também a presente humanidade está sendo confrontada com uma das fases críticas mais graves; eis por que a revelação dos tempos vindouros será de maior extensão que nunca, devido à sua enorme e urgente importância. A revelação tenciona servir de base para o renascimento do maior número possível de pessoas. E é nesse particular que a Fraternidade começou a erguer a voz.

Todos nós temos de conhecer, de novo, a libertadora Palavra perdida e esquecida. Quando a linguagem sagrada de todos os tempos fala sobre essa única Palavra de Deus, ela não se refere à coletânea de manuscritos de maior ou menor valor, de natureza mutilada ou completamente deturpada. Acima de tudo, temos de compreendê-la como a única palavra libertadora que leva à vida e como o caminho, o processo, o santo conhecimento para

a vida universal do reino imutável. No oásis do Gobi, uma região que foi preparada especialmente para esse fim de maneira cósmica, atmosférica e científica, manifesta-se a Fraternidade Universal, que é indicada na linguagem dos iniciados como o "último remanescente".

Se consultardes a Bíblia e os livros sagrados de outros povos, encontrareis grande número de histórias veladas a respeito do "último remanescente". É dito que esses remanescentes das raças antigas foram conduzidos para outro lugar após todos os outros terem perecido. Tomadas literalmente, essas informações sempre causam mistificações.

O "último remanescente" é uma indicação mística para entidades que, elevando-se acima da marcha dialética da humanidade, estão a caminho para a vida original. Os que vão pertencer ao "último remanescente" são incorporados ao novo ciclo de existência; os outros seguem o curso normal da humanidade dialética com os aspectos usuais para destinos comuns, de acordo com as leis desta natureza.

Que todos vós possais mergulhar conosco no "abismo do conhecimento universal" e que a revelação dos Filhos da Sabedoria da Terra Santa oculta vos conduza ao renascimento.

As sete passagens para Shamballa estão sendo amplamente abertas para vós. Tendes, apenas, de caminhar. Que a Palavra impronunciável e ainda perdida possa ser revelada a vós, agora e por toda a eternidade.

2

Os mistérios do deserto de Gobi — II

O prodigioso oásis do deserto de Gobi, o foco terrestre da Fraternidade Universal, acha-se eficazmente protegido contra intrusos. Os recursos mais modernos da tecnologia fracassariam, desesperançadamente, se fosse feita qualquer tentativa para se aproximar dessa verdadeira Terra Santa. Numerosas legiões de espíritos da natureza protegem a região, e as condições atmosféricas são tais que a mais pesada das tormentas impediria, de imediato, qualquer pessoa e tudo que quisesse profanar o coração do Gobi.

Os que desejam aproximar-se desse coração do mundo têm de readquirir o conhecimento da Palavra esquecida. A fim de evitar qualquer mistificação que possa existir ou surgir a esse respeito, desejamos informar-vos, tanto quanto possível, acerca dessa Palavra esquecida e perdida. Compreendereis que sobre esse tema pode-se filosofar com muita seriedade. Se nos aprofundássemos na literatura fidedigna existente sobre a Palavra esquecida e perdida, poder-se-ia adquirir incrível conhecimento.

Mas, de que vos serviria isso? De fato, a filosofia é a chave da ciência, contanto que se saiba forjar uma chave que sirva exatamente na porta eterna universal e, além disso, se saiba utilizá-la com êxito. Se esse não for o caso, então a filosofia torna-se pesado lastro. Por isso a Bíblia diz: "Bem-aventurados os pobres de espírito".

Que enorme vantagem desfrutam os que são capazes de aproximar-se — receptivos qual crianças — dos mistérios de Deus! Sua reação à Escola Espiritual é muitas vezes notavelmente pura. Conheceis as clássicas palavras da sabedoria antiga: "O que aumenta em conhecimento, aumenta em dor". Isso quer dizer que a pessoa que não for capaz de transformar o conhecimento em realidade terá de carregar fardo demasiado pesado. Alguém que encare o sol por longo tempo, com os olhos desprotegidos, ficará cego; a pessoa que se entulhar de filosofia inutilmente tornar-se-á, do mesmo modo, sensorialmente degenerada.

Durante longos anos muitas pessoas consideraram a Escola da Rosacruz como instituição onde poderiam enriquecer seus conhecimentos filosóficos. Se, além disso, a Escola da Rosacruz nada mais fosse, seria muito pobre e altamente perigosa. Detrás da veste externa da Escola está o corpo, por meio do qual e no qual o aluno enobrecido pode aprender a forjar a chave que lhe permitirá abrir a porta. A propósito disso, desejamos dirigir vossa atenção para o conteúdo de um dos nossos rituais:

> "Asseguramos-vos que os nossos tesouros, embora de infinito valor, estão ocultos de modo tão simples que fazem a pesquisa da ciência obstinada falhar completamente".

Embora muitos a tenham procurado diligentemente, jamais encontraram a escola interior, a oficina, onde o trabalho é executado com base na pedra angular única. Desprezo e insinuações foram despejados sobre os obreiros, cercando-os de indiferença. Saciaram-se com os aspectos filosóficos da Escola e, não podendo ir além do Átrio, afastaram-se, com a aflição persistente que provém do conhecimento não assimilado. Essa chave jamais pode ser furtada, comprada ou preparada filosoficamente.

Para poder passar do Átrio para o Santuário é necessária uma pedra de construção bem diversa! Por isso, as seguintes palavras

do ritual acima mencionado são dadas ao aluno como advertência: "Assim, embora milhares se tenham aproximado de nossa construção, ela permanecerá, para sempre, intangível, inacessível e oculta ao mundo mau".

Queremos, mais uma vez, dirigir vossa atenção para essas coisas, antes de falar-vos da Palavra esquecida e perdida. Quem compreender nossa palavra sobre esse assunto, como contribuição para ampliar seu conhecimento filosófico, aumentará seu próprio fardo com mais uma pedra de mó, porém quem for capaz de experimentar o sentido prático, o estímulo para a automaçonaria, também será capaz de forjar a chave sob a luz de um novo imanente candelabro* de sete braços. Possa esse candelabro ser uma luz em vossa senda e uma lâmpada para vossos pés.

No decorrer dos séculos, houve esoteristas que julgaram a Palavra perdida e esquecida um mantra, uma fórmula mágica a ser pronunciada ritmadamente, com certa entonação, e transformada em som por meio da laringe. Outros há que, em limitações filosóficas, e apenas parcialmente corretos, entendem a Palavra como a palavra libertadora para a vida, como método, conhecimento sagrado para a vida universal do reino imutável.

Contudo, tendes de compreender que a Palavra perdida surge *detrás* do método, *detrás* da linguagem sagrada, *detrás* da conscientização filosófica. A Palavra esquecida é um estado de ser. O aluno, no Átrio, pode ver abrirem-se as camadas de nuvens e vislumbrar a Terra Santa a distância, como os heróis da fé, conforme mencionado na Epístola aos Hebreus; entretanto, ele ainda não pode entrar. Ele ainda é incapaz de pronunciar a Palavra capaz de dar curso à sua grande alegria. O anseio pela Palavra vai fluindo dentro dele, repetidas vezes, como o sussurro de uma vida que está por nascer.

Foi-nos permitido dizer alguma coisa sobre essa vida vindoura, pois nos últimos dias deste período de existência os Elohim do

Gobi almejam que vejais, à luz há pouco revelada, a senda que conduz do Átrio ao Santuário.

É fato inegável que existe intenso desapontamento no campo de vida esotérico. Milhares de pessoas, muitas vezes, têm-se afastado, cansadas e desesperadas. Todavia isso jamais resultou em enfraquecimento de interesse. Dá-se com elas o mesmo que as mariposas adejantes, em volta da luz da lâmpada. A luz as atrai e torna-se-lhes fatal. É possível que vosso interesse pela Rosacruz seja bem forte. Mas prevenimos que a indiferença está destinada a vir, pois um dia sentir-vos-eis desapontados, iludidos, menosprezados e enganados. A causa? O erro de tomardes a escola exterior pela escola interior. No Átrio, enxergais a vós mesmos em vestes andrajosas, e as tensões surgem porque sempre nos vemos refletidos nos outros, e, por fim, segue-se uma explosão.

Descobris aqui uma lei da natureza? Suponhamos que uma centena de alunos se encontre no Átrio, conservando-se inaptos para entrar no Santuário. Que acontecerá então? De algum modo, eles afastar-se-ão uns aos outros. E assim, o Átrio sempre de novo é purificado por meio dessa autodestruição, e raramente se faz necessário à direção da Escola tomar providências. Dessa forma, é dado lugar para novo grupo, grupo que ingressará no Santuário ou se afastará.

Suponhamos que vindes em busca do Santuário de modo completamente diverso, esvaziados de vossos velhos critérios e padrões. Então temos algo a dizer-vos: o Santuário está no coração do Gobi, em algum lugar da Ásia Central, no meio de uma região de estepe inculta. Mesmo assim não precisais viajar para essa Terra Santa a fim de participardes dela. A Terra Santa dos *Siddha* pode projetar-se em qualquer parte, até mesmo em nosso próprio círculo de existência. Atualmente, os irmãos e irmãs dessa região sublime podem estar espalhados por todo o mundo; ainda assim estão unidos, lado a lado, em sentido absoluto, conscientes de viverem nas "Doze Ilhas", sem nenhuma separação.

Quando viajais para o norte, sul, leste ou oeste, a fim de encontrardes a senda e a verdadeira vida, então algo já está errado. Há uma vida e uma realidade de ser nas quais espaço, tempo, limitação de distância e linhas divisórias desaparecem inteiramente. Apenas quando se acha de regresso a essa vida, um aluno saberá o que significa ser onipresente. Ele tornou-se o "eu sou", o "eu estou presente". Ele está em toda parte, em cada Santuário, e está também aqui, como uma voz, clamando no deserto: "Preparai os caminhos do Senhor!"

O que significa preparar os caminhos do Senhor? Realizar obras no plano social, político, econômico ou religioso? Não, significa: preparar os caminhos para "o Deus dentro de vós"! "O reino de Deus está dentro de vós." Ouvistes isso do Senhor de Toda a Vida! Todos os grandes dos mistérios pronunciaram essas palavras. Se preparardes o caminho para o Senhor de vosso reino microcósmico, vê-lo-eis, um dia, vir da outra margem do rio Jordão.

Aqui temos o formidável disparate, a clássica tolice de inúmeras pessoas. Quereis libertar o caminho para vós mesmos; quereis fazer tudo para verdes a vós mesmos vir pelo Jordão — como o ressurreto, como o iluminado pelo Espírito Santo! É *assim* que compreendeis o conceito de automaçonaria.

Mas aprendei do promotor sagrado do evangelho eterno: "É necessário que ele cresça e que eu diminua". "Não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias." "O que vem após mim é antes de mim."

Conheceis essa linguagem? Certamente! A Rosacruz moderna vem falando essa linguagem já há muitos anos. Mas é lamentável ver e ouvir, muitas vezes, como os alunos maltratam a gramática dessa linguagem sagrada.

Vede, quer-se de novo ensinar-vos como pronunciar a Palavra esquecida e perdida; testemunhar para vós, de novo, da vida por

nascer; ensinar-vos, de novo, como forjar a chave. Ouvi! Existe apenas *um* caminho para o coração do Gobi. Prestai atenção: a palavra Gobi significa "núcleo", "coração do mundo". Nessa terra, segundo a palavra da linguagem sagrada, os Filhos do Leão acham-se em campo. Se desejais juntar-vos a essa ordem de batalha, precisais, então, seguir o caminho da autodemolição, como João, o Precursor, e endireitar assim a vereda para o Senhor.

Como palmilhar esse caminho de autodemolição? Da seguinte maneira: tendes de romper todos os laços do eu da natureza; tendes de silenciar toda a dinâmica e o raio de ação do eu e reduzir o inteiro núcleo da consciência-eu dialética a uma atividade biológica mínima.

O resultado desse processo de demolição é denominado pela Sabedoria Universal como o estado de criança. Uma criança pequena não tem problemas, não tem paixões; é um pequeno ser com atividade puramente biológica. Pode viver, crescer, ter saúde e satisfazer as exigências das funções vitais comuns. O aluno da Escola Espiritual que deseja endireitar a vereda para o Senhor terá de voltar a esse estado. Terá de tornar-se como uma "criança". Ele não deve ingressar nesse estado de criança com a mesma estupidez do homem religioso ortodoxo, que continua em seu estado natural, esperando de modo negativo uma bem-aventurança em uma vida por vir, mas deve alcançar esse estado de criança como um homem joanino.

Desse aluno canta o salmista: "Pois ele reforçou as trancas das tuas portas e abençoou os teus filhos, dentro de ti". "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela. Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão de dores, pois assim dá ele aos seus amados no sono. Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o seu galardão."

Sobre isso também lemos no Novo Testamento: "Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor". "E,

porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho."

Formulado de modo científico-gnóstico, trata-se de reduzir nosso eu dialético, pouco a pouco, a um funcionamento biológico mínimo. Então realiza-se o grande milagre: o Outro ressuscita no sistema microcósmico, e esse Filho do Senhor assume a direção de todo o trabalho.

Essa outra realidade de ser anima todas as faculdades do eu dialético que se tornou como uma criança, preenchendo seu inteiro antigo raio de ação. Ele é o rei recém-nascido, o "eu sou", o "eu estou presente". Ele transforma a pessoa que ainda vive aqui em um estrangeiro, mas um estrangeiro sem as terríveis tensões e dores do homem-eu, pois o homem-eu que morreu segundo a natureza não se assemelha a uma criança? Ele está livre da esfera refletora, assim como uma criança está livre de forças diabólicas que dela não podem aproximar-se por causa de seu estado biológico puro. Ele tem dois aspectos: o homem-João, que vai recuando, e o homem-Jesus, que vai tomando a iniciativa. Em virtude de seu estado de recém-nascido, tornou-se cidadão de Christianopolis; brotou no verdadeiro coração do mundo; tem acesso ao oásis do Gobi; é portador da chave, e as portas do inferno já não prevalecerão contra ele.

Essa é a Palavra esquecida e perdida. Ela terá de ser e pode ser proferida, não por vós, mas pelo Outro, que tem de ressuscitar em vós. Esse Outro, esse Senhor, deve edificar a casa. Os construtores desta natureza trabalham em vão. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela. Todo o esforço da natureza é em vão. Inútil ser-vos-á levantar de madrugada, repousar tarde, comer do pão do sofrimento. O Senhor da vereda reta nasce como um milagre. Ele nasce do milagre de Maria, isto é, da inversão da natureza.

Compreendei a mensagem da Fraternidade: "Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão".

3

A Mãe dos Viventes

Já ouvistes dizer que ninguém consegue aproximar-se do coração da Fraternidade Universal se desconhece a Palavra esquecida e perdida e, portanto, é incapaz de pronunciá-la. Além disso, já fostes informados como o aluno na senda pode descobrir, outra vez, essa Palavra esquecida e perdida que é, como sabeis, um estado de ser, uma entrada para o reino imutável; e isso não pode ser realizado e celebrado pelo homem comum que pertence a esta natureza.

Os seres humanos desta terra possuem espírito, alma e corpo, que são estrutural e fundamentalmente inadequados para participar da nova vida. Conseqüentemente, não tem sentido levar esse ser humano, de algum modo, à cultura do espírito ou da alma. Em primeiro lugar, porque a libertação não pode ser adquirida desse modo e, em segundo, porque a cultura do que não está em Deus seria antes formidável impedimento à libertação. Por esse motivo, devemos considerar a essência da libertação por um ângulo totalmente diferente e aprender a entender, de maneira completamente diversa, tudo o que foi dito a esse respeito na linguagem sagrada.

Como seres dialéticos, temos de compreender que o homem primeiro tem de morrer a fim de que possa, de fato, nascer. No decorrer dos séculos sempre de novo se verificou que o ser humano não conseguia compreender esse ensinamento fundamental. A

causa disso reside em uma faculdade de compreensão inadequada que leva todos os esforços humanos a acabar em mera cultura da personalidade. Antes de tudo, é necessário que se aborde o conceito "homem", assim como é compreendido pela ciência da transfiguração.

Na ciência da transfiguração, o homem é uma composição, um sistema de fenômenos contidos dentro de um sistema. Referimo-nos, aqui, ao microcosmo. No microcosmo há fenômenos indesejáveis, resultantes do pecado e por ele mantidos, mas também há possibilidades e desenvolvimentos que outrora podiam manifestar-se em toda a plenitude, mas, há éons,* foram restringidos e, finalmente, reduzidos a núcleos no microcosmo.

Na ciência da transfiguração são conhecidos vários lampejos do espírito, ativos no microcosmo. O que denominamos em nossa filosofia "o homem dialético" é o resultado e a essência de um desses lampejos do espírito.

Esse inteiro ser dialético, com suas manifestações e resultados, assim como suas causas, tem de perecer, declinar, para que o verdadeiro homem possa, de novo, revelar-se. A Doutrina* Universal denomina esse processo de renascimento, de transmutação ou também de "núpcias[3] alquímicas". O método aplicado nesse processo, tal como a magia ou alquimia, resulta no conhecimento e domínio da Palavra esquecida e perdida.

Suponhamos que encontrastes a chave e estais prontos para essa morte fundamental; sabeis, então, o que essa morte significa: reduzir todo o ser-eu dialético a um mínimo biológico, ao estado de criança, mencionado em João, capítulo 3. Somente quando estiverdes sobre essa base será proveitoso informar-vos, com minúcias, sobre a Fraternidade dos *Siddha,* sobre os habitantes do coracão do deserto de Gobi.

---

[3]Ver Rijckenborgh, J. van, *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz,* t. I e II. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1993 e 1996.

Como deve o aluno abrir caminho para esse coração? Eis a pergunta que ele precisa sempre ter em mente. Se essa pergunta for uma súplica, ela sempre lhe será respondida, em concordância com seu estado de ser.

Lógica e fundamentalmente, existe apenas uma única resposta a essa pergunta. Contudo, essa única resposta é um feixe de inúmeros aspectos e raios como os que a luz solar também espalha em turbilhão. Por conseguinte, as respostas que aludimos são uma sucessão de raios que o aluno pode receber ao seguir a senda. Esses raios são, para ele ou para ela, resplandecente escada rumo à única meta.

A prática da vida já provou bastante a inutilidade de perturbar um buscador com raios da luz universal para os quais ele ainda não se enobreceu. Ele não poderia perceber nem tampouco reagir a esses raios, pelo simples motivo de ainda não haver uma concentração pura de éteres na constelação de seu campo de respiração. Assim como a senda é o caminho para a eternidade, é certo que há, também, uma eterna variedade de irradiações, de beleza sempre crescente, de glória sempre mais misericordiosa, de luz sempre mais intensa e de força cada vez mais dinâmica e majestosa.

É nesse sentido que deveis compreender a intervenção da presente Fraternidade mundial. Ela desenvolve uma radiação para nós, nesta época, adaptando-a ao nosso estado de ser; ao nosso estado como seres humanos e humanidade. Assim, a pergunta "Como o aluno deve penetrar no coração do mundo?" adquire nova e urgente feição.

É impossível achar uma resposta a essa pergunta consultando velhos e amarelecidos pergaminhos; nem podemos apegar-nos à idéia que os antigos possuíam sobre esse assunto. Deveis compreender e ouvir as pulsações do coração do presente. Quando puderdes fazer isso, a resposta fluirá para vós como radiante boa nova, e ao mesmo tempo entendereis sobre o que os antigos realmente falavam.

Fostes agora amplamente informados sobre o deserto de Gobi, o foco universal da Fraternidade Mundial, situado na Ásia Central. Na realidade, encontra-se ali um formidável foco universal, um ponto de contato do reino imutável, a verdadeira Terra Santa dos Filhos da Vontade e da Ioga. Entretanto, no que concerne a nós, podeis esquecer-vos disso e até mesmo negá-lo. Ouvi o chamado da Fraternidade como originário de uma voz e de um foco bem perto de vós. Deixai-o vir a vós, inteiramente, para que vós mesmos realizeis a jornada através do deserto, e possais reagir em concordância com esse chamado.

Vossa vida natural, segundo o espírito, a alma e o corpo, é árido deserto em que viveis e existis. Sabemos muito bem que milhões de pessoas negarão, com veemência, essa situação neste campo de existência; e também vós podereis divergir de opinião conosco nesse ponto. E possível que não considereis vossa vida e vosso estado de ser dialético como uma jornada através do deserto, um estado árido e miserável. E, por isso, talvez negueis com veemência estardes em abandono mortal. Isso é compreensível, pois para muitas pessoas esta vida é cheia de beleza e cintilante vibração. Lembremo-nos, apenas, do grande número de artistas da natureza comum, que têm expressado isso de várias maneiras.

Por essa razão, estar consciente do deserto é descoberta, grande autodescoberta e, ao mesmo tempo, intensa graça. Podemos até mesmo compará-lo a um nascimento em nova consciência de vida. Em verdade, a linguagem sagrada chama-o de nascimento, mas nascimento inteiramente no plano horizontal dialético. É o nascimento de João, o Precursor, o homem na solidão, o pregador no deserto.

Conforme lemos no Evangelho sobre essa figura, o construtor-aprendiz deve nascer como um homem no deserto. As escamas precisam cair-lhe dos olhos a fim de que possa enxergar este mundo tal como é. Então, esse aluno já não dirá "eu vivo", "eu sou", porque está consciente do fato de que não é uma criatura

que está vivendo, e sim morrendo. A realidade mais importante neste campo de existência é a morte; a vida é uma sombra.

Sabeis que todas as entidades que se expressam sobre ou dentro de algum campo de existência o indicam como a "Mãe do Mundo". A simbólica e os mitos apresentam inúmeros exemplos. Por isso, um aluno que tenha atingido a fase do deserto pode chamar a "mãe do mundo" da natureza comum como a "Mãe dos Mortos". Para a consciência joanina, a existência nesta natureza é uma existência na morte. E, como um ser da morte não tem nenhuma real possibilidade de vida, é compreensível que essa condição seja indicada na Bíblia pela idéia de "esterilidade", assim como nos é dito de Isabel, a estéril, a mãe de João.

No momento em que compreenderdes que sois estéreis, tornar-vos-eis fundamentalmente conscientes do deserto, da solidão e da morte que cruzam este deserto da vida dialética. Nesse instante, ter-vos-eis tornado conscientes da atividade do alento de vida desta natureza da morte. O fenômeno dialético da morte surge da cooperação desse alento com a "Mãe dos Mortos", da ação recíproca dos éteres planetários com este campo de existência.

Quando tiverdes feito essa descoberta, então estareis no meio do deserto de Gobi, no limiar do misterioso oásis da Fraternidade Universal. Quando tiverdes atingido esse estado de consciência, tereis feito o primeiro e essencial trabalho para endireitar a vereda para o Deus dentro de vós. Nessa fase da vida entrareis em ligação com a "Mãe dos Viventes".

É importante saberdes quem é e o que é a "Mãe dos Viventes". Ela é o centro do novo desvelo de Deus, designado em nossa filosofia como "o novo campo de vida". É um campo de vida onde surge outro Adão; onde um novo Adão, de pé diante de Deus, irradia em outra região de gênese. Esse campo de desenvolvimento dos novos éteres é a "Mãe dos Viventes". Essa mãe é denominada Maria, porque a ligação com ela apenas pode ser obtida pela total conversão, por um desprender-se da ilusão da natureza terrena,

mediante um reencontrar a si mesmo no deserto da natureza da morte.

Imaginemos um aluno ressuscitando da "esterilidade", ingressando na realidade desse novo campo de existência. Esse aluno aniquilará tudo o que provém da "Mãe dos Mortos", estrutural e fundamentalmente, segundo o espírito, a alma e o corpo. Isso quer dizer que ele envia para a morte tudo o que é da morte. Em outras palavras, aniquila a si próprio como ser ímpio, como fenômeno não contido em Deus, neste campo de existência.

Desejamos dirigir vossa atenção para o fato de que esse aniquilar-se não significa suicídio, no sentido comum, mas a neutralização do que é ímpio dentro do microcosmo. Para quem ainda não iniciou a jornada através do deserto isso parece aniquilamento do inteiro ser. Para ele, essa neutralização é, de fato, suicídio. Eis o motivo pelo qual inúmeras pessoas que nos precederam recusaram aceitar essa doutrina tida como terrível.

O aluno que está no deserto, entretanto, compreenderá perfeitamente o que é a quinta-essência; saberá com absoluta certeza que existe outro centro de existência dentro do microcosmo, outro núcleo de consciência que deve ser despertado para a vida. Saberá que a própria existência é um existir na morte, e que unicamente o "Outro", em realidade, pode viver. Saberá que esse "Outro" apenas poderá libertar-se quando ele mesmo, o aluno, for ao encontro de sua hora derradeira. Ele está apto também a entender João quando ele diz: "Após mim vem aquele que é mais forte do que eu". "O que vem após mim é antes de mim."

Esse caminhante no deserto sabe que o auto-sacrifício não é sacrifício em sentido comum, mas a libertação da verdadeira vida.

Se o aluno está nesse processo, outra faculdade desenvolve-se no microcosmo, sem o envolvimento da personalidade dialética: o núcleo da consciência original começa a libertar-se. O despertar é efetuado literalmente, como conseqüência da reversão.

Novas forças tornam-se ativas no microcosmo, as quais no início utilizam a personalidade abandonada do homem joanino. Nesse momento, o aluno é capaz de pronunciar a Palavra esquecida e perdida e sabe que foi acolhido em uma substância de vida inteiramente nova. Nesse novo campo de vida, o novo homem desperta. O verdadeiro homem surge no desvelo e na irradiação de amor da "Mãe dos Viventes".

Afinal, deverá estar claro para vós que o novo campo de vida não é simples conceito filosófico, mas algo de alto valor real. Esse valor real não se origina desta natureza, do campo de existência da morte, e muito menos do reino dos mortos. Por essa razão, o novo campo de vida nos é oferecido, de maneira muito concreta e absoluta, no "aqui". A Fraternidade Universal irrompe no "aqui" a fim de aproximar-se de vós e de mim no caso de sermos figuras joaninas. Por meio do novo campo de vida há um toque muito concreto e organizado aqui, nesta árida região da morte. Eis por que falamos sobre a Fraternidade do Gobi.

A "Mãe dos Viventes", portanto, não é um termo místico, nem simbólico, mas a verdadeira Mãe santa que deseja acolher-vos em sua irradiação de amor, contanto que compreendais que pela indicação "vos" nos referimos ao microcosmo, e caso vossa personalidade mortal esteja preparada para iniciar a jornada através do deserto.

Oremos para que nos seja concedido o privilégio de nos encontrarmos no deserto, em nossa jornada para a mãe de todos nós, a "Mãe dos Viventes".

Contigo, ó portadora da energia vital sagrada,
emergimos do perigo;
contigo entramos na vida libertadora;
contigo atingimos a meta de nosso novo dia de manifestação.
Contigo singramos através da nova rota de vida;
contigo entramos na luz eterna.

Em tua irradiante luz de amor descobrimos nossa culpa;
em ti compreendemos nosso fardo de pecados;
em ti se desvenda o grande mistério
de nossa jornada através do deserto;
em tua santidade nossa degeneração desaparece.

Por teu intermédio encontramos nosso ser real;
por teu intermédio nos tornamos conscientes de nossa ascensão;
por teu intermédio somos impelidos à ação libertadora;
por teu intermédio o alento divino da vida
nos sussurra em cada alento do coração.

Ó rosa, que adornas a minha cruz,
apressa-te a reabsorver a luz divina!
Transforma-a em poder libertador
neste escuro vale de espinhos que dilaceram.

Somente então podemos proferir junto com os Irmãos Maiores:
"Jesus, o novo Filho de Deus, é tudo para mim!"

Rodeado pelo imensurável deserto de Gobi, existe um misterioso Oásis. Essa Terra Santa, jamais tocada por pés profanos, é indicada por vários nomes, um dos quais é Shamballa, ou seja: "a Cidade dos Deuses".

Shamballa é o foco do campo de atividade da Fraternidade Universal, enquanto seu desvelo for necessário nesta ordem de natureza dialética. Shamballa é o campo de força dos auxiliadores divinos; um campo de força que não se origina, sob nenhum aspecto, desta ordem de natureza, visto que não se relaciona com a esfera* material nem com a esfera refletora e, não obstante, está presente nesta natureza terrena como auxílio para todos nós.

Em sua atividade, Shamballa pode ser comparada a um transformador. A substância universal da vida e o desvelo universal do Logos são transformados, por Shamballa, a Cidade dos Deuses, em uma tensão vibratória que o mundo e a humanidade possam suportar. Shamballa é o campo de contato de onde partem, em sentido horizontal, sugestões, vibrações e irradiações sobre o mundo inteiro. Shamballa é o toque imanente de uma realidade transcendental.

É dessa Cidade dos Deuses que os autênticos mensageiros vêm à humanidade extraviada; mensageiros que, sob vários nomes, realizam seu trabalho em qualquer parte onde ele é almejado e necessário. Shamballa é a porta para a vida original, a única

e absoluta porta para a libertação. Shamballa é a chave para a cintilante nova vida.

Parecerá estranho a muitas pessoas ouvir falar de um ponto de contato universal, que pode ser indicado geograficamente. Mas não será mais estranho esperar que a própria salvação venha da esfera refletora, o domínio dos mortos? Que venha de entidades que, por haver perdido a maior parte de seus veículos, têm de restaurar sua mutilação mediante o reencarne? Não será mais estranho alguém apegar-se, para a salvação de sua alma, a uma instituição religiosa que difere dos esforços terrenos dialéticos tão-somente porque seus representantes usam uma linguagem que não corresponde, de nenhum modo, à sua própria realidade? Não será mais estranho e menos lógico ouvir-se, de modo abstrato, acerca de um Deus — ou supor que Deus reine e esteja na insubstancialidade?

Muito ao contrário, o que na realidade deveria causar estranheza é que grande número de pessoas, metafísica e espiritualmente sensitivas, não tenha ainda descoberto que vem sendo vítima das maiores mistificações! Sem exagero, podemos afirmar que toda a vida metafísica e espiritual encalhou nas garras da esfera refletora. Tudo e todos consultam os mortos, pertencem aos mortos, vivem segundo os mortos, desejam o que vem dos mortos. A conseqüência disso é a condição enferma generalizada da humanidade; a rápida marcha para a decadência; uma queda dentro do poço da mentira, da calúnia e da traição; o desaparecimento dos freios morais e o impressionante aumento de doenças nervosas e do sangue. Eis o resultado do curso tomado pela humanidade, curso que se desvia e afasta do caminho, da verdade e da vida mesma.

Quando dirigis vossos passos rumo ao foco dos mistérios universais, então não delirais escrevendo ou falando; tampouco haverá qualquer tipo de obumbramento, acompanhado do furto de fluido nervoso, pois viveis e sois mediante poder. Na Epístola

aos Coríntios, com muita propriedade, Paulo afirma: "Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder".

Aqui temos a assinatura de Shamballa. Quando um aluno da Escola Espiritual moderna se aproxima desse coração do mundo, sua fraqueza será envolta pelo poder. Um poder tal que se transforma para ele em uma realidade de ser e jamais o abandona. O mesmo poder que, em várias gradações e potências, mantém, impulsiona e realiza o trabalho de salvação. Todos os que vivem e existem mediante esse poder tornam-se, de acordo com seu estado de ser, homens portadores de poder.

Todas as escrituras sagradas — repletas de lendas, mitos, epístolas e relatos — dão testemunho disso e também de Shamballa quando falam dos impulsos divinos que, na forma de mensageiros e outros meios, partem dali em determinadas épocas. Os habitantes sagrados de Shamballa são chamados Filhos da Vontade e da Ioga, ou Fraternidade de Shamballa, Fraternidade dos *Siddha,* de Melquisedeque, ou ainda, dos Elohim.

Quando, após uma revolução cósmica, o campo de vida dialético é esvaziado e o inteiro campo de existência das mônadas decaídas reduz-se a mero torrão sem forma, então se desenvolvem os processos e situações que descreveremos a seguir.

Em épocas passadas, muitas entidades retornaram a Shamballa, passaram pelos portais da libertação. Com poucas exceções, o restante delas, em um estado sem veículos, foi concentrado na esfera refletora a fim de ali aguardar a vinda de um novo dia de manifestação. A Fraternidade de Shamballa, a Fraternidade dos Elohim, rege todo esse processo de desenvolvimento, em benefício do gênero humano, que recebe nova oportunidade de manifestação. Quando esse processo entra em atividade, lemos, por exemplo, no texto original da Bíblia: "No princípio os Elohim criaram o céu e a terra". O que significa: a Fraternidade de Shamballa preparou, de novo, outra morada para as mônadas decaídas. "A terra tornou-se caos e vazia; e os Elohim pairavam por sobre as águas."

Quando uma nova oportunidade de existência é oferecida ao decaído e ainda não salvo ser humano, quando ele recomeça a busca do caminho de regresso ao reino imutável, então as sete passagens para Shamballa abrem-se para ele. No prólogo do Gênesis, elas são indicadas como os sete dias da criação.

A primeira passagem para Shamballa, a Cidade dos Deuses, é a passagem da luz. Ao ser humano, ou ao aluno, é dada luz verdadeiramente serena e pura, a luz que não falha, perfeita lâmpada para seus pés. Na dialética, a luz da natureza comum é sempre mesclada com trevas, como o bem está misturado ao mal. Mas, agora, a luz é rigorosamente separada de qualquer treva, e assim é aberta a primeira passagem para Shamballa. E os Elohim viram que era bom. O primeiro dia!

A segunda passagem para Shamballa é chamada "o firmamento". O firmamento é um campo de vida de imaculada e pura substância de vida. A segunda passagem providencia para que o aluno esteja de posse, além da luz, também da força para prosseguir. E os Elohim viram que era bom. O segundo dia!

A terceira passagem é indicada como a formação da terra. Uma esfera de vida harmoniosa, material e química, começa a formar-se, pouco a pouco, em perfeita harmonia com a substância atmosférica dos éteres originais. Assim, o aluno não apenas possui luz no caminho e força para o caminho, mas também o próprio caminho. Eis a terceira passagem para Shamballa. E os Elohim viram que era bom. O terceiro dia!

A quarta passagem para Shamballa é a continuação das três precedentes, ou melhor, existe apenas um caminho, que se divide em várias partes. Em primeiro lugar está presente a luz; em segundo, a força; em terceiro, o próprio caminho, que podemos trilhar na verdadeira luz e na verdadeira força. Assim, é claro que o quarto dia terá de demonstrar distribuição lógica e científica, coerência harmoniosa, equilíbrio divino entre luz, força e realidade. Se houvesse apenas luz, o ser humano poderia ser subjugado e ficar cego.

Se houvesse apenas força, poderia ficar detido e paralisado. Sem a coordenação de luz e força, ele cometeria os mais graves erros no trilhar da senda. Por conseguinte, tudo o que foi obtido é coordenado no quarto dia, moldado e preparado para uso correto. E os Elohim viram que era bom. O quarto dia!

Compreendereis, agora, na quinta passagem para o coração do mundo, que o resultado deve manifestar-se. No quinto dia da criação, os peixes e os pássaros são criados, e assim também o aluno realiza o mesmo trabalho na quinta passagem para Shamballa. Criar peixes ou portar o símbolo de peixes, ou ainda "lançar a rede nas profundezas das águas", significa realizar a autodemolição com perfeição e certeza científica, completo sacrifício do eu natural na luz e na força, estando na senda para Shamballa; e em conseqüência disso, levar a bom termo o caminho encetado, como que em um vôo de pássaro, qual águia. E os Elohim viram que era bom. O quinto dia!

E os Elohim disseram: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Quando, como em vôo de pássaro e no signo de peixes, o aluno chega ao término de sua senda, lá irrompe o sexto dia, pois agora ele se torna, de novo, verdadeiramente um homem, à imagem e ao ser dos Elohim. E assim ele retoma ao lar, ao reino imutável. Agora os Elohim vêem tudo o que eles possibilitaram. A sexta passagem para a Cidade dos Deuses está consumada.

Eis, por fim, o sétimo dia — o dia do repouso divino — o dia da obra consumada. A radiante realidade mesma! Desse modo, o prólogo do Gênesis indica as sete passagens para a única vida no coração do Gobi. Quem tem ouvido ouça o que o Espírito diz às comunidades.

Vem, então, a segunda fase nesse desenvolvimento, e também o segundo capítulo da linguagem sagrada. As mônadas decaídas, chamadas a uma nova oportunidade, e estando a caminho das sete

passagens para Shamballa, caem na contranatureza; e assim de novo perecem devido à sua atitude de vida forçada, especulativa e experimental, como anteriormente muitas vezes aconteceu.

Portanto, as sete passagens para Shamballa, assim como suas possibilidades inerentes e óbvias, são fechadas. No início, logo após a catástrofe, muitos mistérios ainda possuíam as chaves. Mas também esses fragmentaram-se e arrefeceram, restando uns poucos núcleos, que, retraindo-se mais e mais, foram afastando-se da vida febril das massas, a fim de evitar uma cristalização definitiva.

Os Elohim, porém, jamais desamparam a humanidade. Eles não abandonam a obra de suas mãos. De tempos em tempos, como toques de clarim, impulsos e chamados são dirigidos à humanidade. E são continuamente repetidos, à medida que os anteriores desaparecem, obstruídos pela dialética.

Todos esses chamados transmitem sempre a mesma mensagem à humanidade: as sete passagens para Shamballa ainda existem e podem ser abertas por qualquer pessoa e em cada pessoa que realmente assim o almeje. Todavia, para tudo e todos os que se acham na contranatureza, elas são como os sete selos do livro fechado. Mas, para todos os que anseiam encontrar a senda única de regresso, elas são abertas, uma a uma!

Para tanto, nova criação e total transfiguração fazem-se necessárias; um renascimento, um tornar-se apto para a senda sétupla original. Para isso é preciso reagir do íntimo, consciente e positivamente, às palavras de Jesus: "Vem, e segue-me".

Esse seguir os passos de Jesus requer a completa demolição da dialética em vosso círculo de existência. Essa autodemolição é indicada como a via-crúcis, que, em conformidade com as sete passagens para Shamballa, tem também sete fases. A via-crúcis sétupla é e significa uma recriação sétupla segundo a natureza e o espírito. Quando o aluno inicia o processo de demolição da dialética em seu círculo de existência, ele descobre que, em seus esforços, recebe inesperado auxílio da própria dialética. Quando

o aluno começa a afastar-se da vida comum e a elevar-se acima dela, a natureza comum espontaneamente se lhe torna hostil.

Quando já não desejardes associar-vos a determinado modo de vida, então essa vida vos expulsará e, com o auxílio dessa mesma hostilidade, sereis pregados na cruz da redenção. Verificareis, assim, como todas as coisas, também nesse sentido, resultam favoráveis aos que se voltam para a verdadeira vida.

O inimigo quer castigar-vos, porque vos conservais afastados; e, vede, esse castigo torna-se em graça para vós. Por essa razão, o aluno que discerne isso, diz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". A partir desse momento, a via-crúcis torna-se realidade, e faz-se luz em torno do candidato. Luz tão intensa que os outros, que não a compreendem, a experimentam como intensa treva. O primeiro dia da via-crúcis passou. E os Elohim viram que era bom.

Estando na luz, com os braços estendidos, ouvimos outra vez o candidato dizer: "Mulher, eis aí o teu filho". Aqui é indicado o apelo à "Mãe do Mundo" de Shamballa, à guardiã do firmamento. Ó Nutriz universal santa de todos os filhos de Deus, olha teu filho, que se esforça por aproximar-se das sete passagens para Shamballa! Esse apelo por força vai crescendo em vibração e potência. A Palavra esquecida, há tanto tempo perdida, é assim outra vez pronunciada. E os Elohim viram que era bom. O segundo dia da via-crúcis passou.

Quando essa Palavra é proferida, compreendereis que a resposta vem! E assim, jubilosamente, ressoa: "Filho, eis aí a tua mãe!" A Nutriz santa da Vida surge e abre a senda para o peregrino. O terceiro dia passou no caminho para Shamballa.

E, ouvi, a própria "Mãe do Mundo" diz no turbilhonar dos novos éteres e na suave música da trajetória de força que o peregrino está seguindo: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso!" Eis a resposta ao quarto dia. E os Elohim viram que era bom.

Agora entendereis a chave vibratória do quinto dia, a vibração que pode ser interpretada nesta única palavra: "Sede!... Tenho sede!" Estando na senda para Shamballa, há uma sede cada vez mais intensa pelo fim, pela realização. E conseqüentemente um esforço sempre mais intenso, dinâmico e crescente para atingir a meta. E os Elohim viram que era bom... o quinto dia!

E vede... a realização aproxima-se. O aluno chegou ao sexto círculo sétuplo; ele torna-se outra vez um ser humano, na forma e glória originais, e vê os próprios Elohim, em pessoa. E todo o seu ser é preenchido por indizível gratidão, que por fim se expressa nesta oração de ação de graças que diz tudo: *Eloi, Eloi, lama sabachthani!* Elohim, Elohim, como me glorificastes! Esse é o jubiloso e cintilante sexto dia. E os Elohim viram que era bom.

Assim, a própria eternidade irradia forças sobre o aluno. A grande obra da cruz foi realizada. E tudo é testificado nesse repouso eterno no Coração de Shamballa, no repouso na eternidade do sétimo dia: *Consummatum est!* "Está consumado!" O peregrino chegou ao resplendor da Ilha de Ísis. E os Elohim viram que era bom.

5

A ilha de Ísis

O aluno na senda, que atravessou as sete passagens para Shamballa, tendo vencido a batalha através dos sete dias de festa da transfiguração, chega ao coração do Gobi, ao foco da Fraternidade Universal, onde é acolhido como o filho pródigo que retornou à casa do pai. Essa Terra Santa, em meio à solidão de imensas estepes, é também chamada a Ilha de Ísis. Consideramos privilégio e maravilhosa graça poder dizer-vos alguma coisa acerca dessa abençoada Ilha de Ísis.

A fim de compreender plenamente a natureza e as características de Ísis, precisamos voltar à aurora da manifestação do gênero humano, quando tudo ainda era bom e toda a humanidade ainda existia no alento do Altíssimo. No tempo em que a criação expressava perfeitamente a vontade divina e todas as coisas reveladas estavam como "nas mãos de Deus".

No plano cósmico, a situação era a seguinte: o planeta Terra sétuplo reagia em sentido perfeito e absoluto às sugestões do campo espiritual magnético que se estendia em volta da Terra Santa. Entre esse campo planetário ou campo de vida e o campo espiritual magnético revelava-se, em plena beleza, o campo de radiação do planeta Terra, onde todas as concentrações de forças extraídas de seu interior pelo campo espiritual magnético cintilavam como estrelas.

Esse glorioso sistema de natureza tríplice — campo espiritual, campo de vida e campo de radiação — era qual gema no espaço universal e harmonioso som na sinfonia do Universo.

Todavia, sabeis que essa harmonia foi perturbada; o planeta sétuplo, como cosmo, sofreu intenso obscurecimento por causa dos pecados de seus filhos. Milhões de seres humanos desenvolveram-se em linha degenerativa. Esses seres foram, então, concentrados em uma parte do planeta, onde, "no suor do teu rosto", iriam ao encontro de um futuro miserável de sofrimento, sangue e lágrimas.

Contudo, parte das mônadas não pecou e manteve o relacionamento justo com a eterna fonte de luz. Essa parte das mônadas é chamada: o "último remanescente".

Esse "último remanescente" vive agora na Ilha de Ísis. Isso significa que um número de entidades, que se uniram como Ordem de Melquisedeque, como Fraternidade de Shamballa, preservou ainda parte do glorioso cosmo-terra em seu antigo esplendor. Por isso, com razão, essa parte da terra pode ser chamada de Terra Santa. Mas é uma pequena região, como um oásis no deserto; uma ilha no meio de um oceano de paixões diabólicas.

Assim como a luz e as trevas da natureza dialética se alternam, tornando-se manifestas na sucessão de dia e noite, bem e mal, sem jamais conseguir livrar-se uma da outra, assim também existe a Ilha de Ísis, o "último remanescente" do cosmo-terra original, revelando-se sobre o mundo inteiro e nele.

Ísis é a luz divina que irradia sem interrupção neste mundo de trevas, sobre todos os que, de acordo com as normas desta natureza, são bons ou maus. Ela personifica o santo planeta Terra. Ísis é a verdadeira "Mãe do Mundo". Tudo o que dela provém e tudo o que a ela retorna é um verdadeiro filho da luz.

Podeis e deveis considerar isso da seguinte maneira: a Fraternidade Universal não se aproxima de nós por meio de abstrações, de uma metafísica flutuante e infundada, especulando sobre a

esfera refletora, ou sobre qualquer outro mundo distante, mas manifesta-se como realidade aqui nesta esfera química, o mundo material. A ordem do mundo original *existe;* foi conservada para vós e para mim, e podemos tornar-nos partícipes dela, desde que desejemos, de fato, viver em conformidade com suas leis.

Concluindo: Ísis é a natureza original que foi preservada para nós. Não a natureza que nos fornece alimento depois de o arrancarmos de seu solo, após dura luta, e sim a natureza da vida original, natureza que é de Deus e se manifesta como "último remanescente" no coração do Gobi, na Ilha de Ísis.

Repetimos: para participar dessa realidade de ser não precisamos viajar para o Gobi. A fim de sermos recebidos no *Corpus Christi,* necessitamos apenas, como alunos verdadeiros da Escola Espiritual, que se encontram no processo transfigurístico, abrir caminho através das sete passagens para Shamballa. Assim, do mesmo modo como uma entidade divina é cônscia de sua onipresença, assim também o peregrino inflamado em Deus, na consciência de onipresença, festeja sua entrada na Ilha de Ísis.

É a respeito dessa entrada, dessa consciência de onipresença e das faculdades do novo homem que desejamos falar-vos. Já vos informamos amplamente sobre o caminho; falamo-vos acerca da verdade, da melhor maneira que nos foi possível. Agora podemos informar-vos, em especial, sobre a vida mesma na Fraternidade. É provável que essa verdadeira vida vos atraia mais do que tudo o que precedeu, isso se tiverdes olhos para ver e ouvidos para ouvir.

No campo de vida da Fraternidade que pode ser encontrado aqui, existe perfeita harmonia entre o campo espiritual magnético e o campo de vida elementar químico. Em conseqüência disso, há um campo de radiação correspondente que serve de intermediário entre os dois campos mencionados. Compreendereis que todos os que vivem em Shamballa e a ela pertencem realizam isso também no plano microcósmico. Seu campo espiritual está em harmonia com o campo de sua personalidade, e seu raio de ação

irradiante é o produto disso. Na sabedoria antiga, esse tríplice intercâmbio divino é denominado agente mágico, e a entidade que o possui dispõe, literalmente, de todo o poder no céu e na terra.

Essa entidade vive e está no regaço de Ísis. Esse iniciado, utilizamo-nos desse velho termo, dispõe de doze forças como agente mágico. Essas doze forças encontram-se em seu campo de radiação: são os quatro éteres santos, a santa força astral e a santa força mental, cada qual com os pólos positivo e negativo, as radiações centrípetas e centrífugas.

Juntas, essas doze forças formam intensa luz radiante e são indicadas pelas palavras "céu" ou "Cristo". O iniciado que está apto a trabalhar com essas doze forças e está microcosmicamente uno com elas encontra, de fato, Cristo nas nuvens do céu.

Os quatro ou oito éteres constituem materiais de construção universais; as duas forças astrais formam a faculdade dinâmica com a qual esses materiais são usados; e as duas forças mentais constroem o plano do mestre construtor, de acordo com o Arquiteto supremo.

Quando a Bíblia fala de "céu" ou "entrar no céu", alude assim, na realidade, ao bem-aventurado que obtém o controle desse agente mágico, as verdadeiras forças celestiais. Assim, vemos que "entrar no céu" é algo bem diferente do que ingressar na esfera refletora, no momento em que se abandona o corpo material.

Quando é dito que da união de Osíris e Ísis emanou o menino Hórus, e da união entre o Espírito Santo e Maria surgiu o menino Jesus, compreendemos que se trata de uma expressão mística indicando o filho da luz, o qual, em virtude do harmonioso intercâmbio entre o campo espiritual magnético e o campo de vida, dispõe de todas as doze forças de seu campo de radiação.

Por conseguinte, é lógico que o Senhor de Toda a Vida também possua doze discípulos, doze seguidores fiéis à sua volta. Com esses doze ao redor do Único, Deus manifestou-se em carne, com

exceção do pecado; Jesus Cristo nasceu e nos conclama: "Vem, e segue-me!"

Quando uma entidade faz uso incorreto das doze forças de seu campo de radiação, isto é, utilizando-as em desacordo com a vontade divina, as forças de seu céu extinguem-se, e a personalidade então, apartada do campo espiritual magnético, corrompe-se.

As doze forças no céu microcósmico são muitas vezes simbolizadas como água ou água viva. Uma entidade que aplica incorretamente essas forças, essa água, portanto, de modo especulativo, experimental, causará uma catástrofe. Muitas dessas catástrofes foram descritas de modo simbólico na Bíblia e em outros livros sagrados. Lembremos aqui, por exemplo, dos dias de Noé, quando choveu durante quarenta dias e quarenta noites, e tudo pereceu no grande dilúvio.

Outras vezes essas doze forças são também, simbolicamente, qualificadas como água e fogo. A água representa sobretudo as forças etéricas, e o fogo, as forças astrais. Caso vossa terra venha a perecer pelo fogo, fostes vitimados por vossos desejos; caso a catástrofe seja ocasionada pela água, então pecastes contra a manifestação-forma das coisas.

Por conseguinte, o retorno à Ilha de Ísis significa que o candidato, estando em Jesus Cristo, readquiriu o controle das doze forças. Na "Mãe da Graça" o aluno regressou à raiz da natureza, que revela outra vez a seu filho os tesouros originais da vida.

Se conseguirmos fazer uma vaga idéia desse espírito de luz, em sua gloriosa e radiante faculdade, compreenderemos então que a realização desse agente mágico é algo bem diverso do que a balbúrdia metafísica e esotérica de nossos dias procura fazer acreditar.

Mas apenas essas tentativas sóbrias para chegar à verdadeira vida são insuficientes para ajudar a vós e a mim, em nosso estado decaído. Talvez exista um caminho entre nós e a verdadeira vida, no Gobi; pode haver uma verdade que emane dessa realidade de

vida, mas agora a vida das próprias hostes consagradas a Deus aproxima-se de vós.

A radiação de Cristo do campo de radiação original vem até nós como emanação salvadora, por meio de Jesus e seus servidores. O céu, no sentido em que descrevemos antes, inclina-se para a terra e toda a humanidade, a fim de estimular-nos, a vós e a mim, a ingressar nele e, se assim o desejarmos, auxiliar-nos a alcançar a Ilha de Ísis.

A Fraternidade de Shamballa vem a nós na forma personificada de seus mensageiros. Quando eles vêm a nós, sua aproximação é anunciada, e também é dito que se tornarão um de nós, com exceção do pecado. Essa assinatura é bastante clara para todos os que são capazes de compreender em espírito. Quando têm de vir a nós, eles nascem aqui; descem ao estábulo, ao grande caos, a esta desordem fundamental. Assim, aqui conosco, inteiramente no plano horizontal, eles buscam alcançar-nos.

Se reagimos, em busca espontânea, o primeiro discípulo é chamado. Isso quer dizer que um pouco da primeira faculdade celeste é ofertada, como pão celestial, ao ser que está reagindo. E assim continua, passo a passo, em inexprimível amor pela irmã ou pelo irmão decaído, até que as doze forças tenham cedido um pouco de sua faculdade original.

Simbolicamente isso é representado como se um dos doze fosse obrigado a trair a substância duodécupla original e seu mensageiro divino. Isso indica, e fica demonstrado com clareza a cada aluno, que é absolutamente impossível transformar uma partícula sequer dos doze pães e dos doze peixes em prol da realidade dialética. Eles não podem ser estabelecidos permanentemente no tempo. Por isso o traidor é derrotado e recebe sua parte.

Que acontece então? O próprio Senhor de Toda a Vida aproxima-se de nós e, tendo irradiado as doze forças para nossa salvação, revela-nos o caminho, que é a cruz. Ele percorre esse caminho e, por isso, ressuscita em Shamballa. As doze forças, no

entanto, permanecem para trás como testemunhas, para levarem o evangelho da salvação a todas as criaturas.

Quando um homem é tocado, chamado, por um desses doze raios, ele é conduzido para a cruz, e então lhe é indicado como trilhar a via-crúcis da transfiguração.

E aí, nessa via-crúcis, bem no coração, no ponto crucial onde o aluno deve irromper do plano horizontal para o vertical, que conduz para fora desta natureza, nesse coração, está Ísis, a Mãe de todos nós, a "Mãe da Vida", a rosa. Aí, a cruz torna-se a Rosacruz.

A "Mãe da Graça" é também representada como o lótus ou como a rosa. O aluno em sua via-crúcis, quando encontra essa rosa, torna-se um bem-aventurado, pois desde que a rosa tenha sido conquistada, ele se torna um forte, alguém que já não cairá. Ele regressou ao sagrado regaço de Ísis e saúda a aurora da realização.

No Átrio da Rosacruz temos um simples e modesto símbolo da Rosacruz. Todavia, pode-se afirmar que esse símbolo projeta o caminho, a verdade e a vida. Um aspecto bem diferente do que talvez havíeis pensado até agora. É possível que agora, melhor do que nunca, possais ver a Rosacruz como símbolo do homem redimido, portanto do homem que venceu a morte segundo a natureza.

Todavia, lembrai-vos de que aqui não vos encontrais em uma comunidade que se ocupa com especulações metafísicas e esotéricas, porém que forma franco-maçons que seguem os passos de seu mestre: Jesus Cristo.

Ele, o Glorioso, é tudo para nós.
Ele é o Filho da "Mãe do Mundo"
e o Filho do Altíssimo.

6

O último remanescente

Deve estar claro agora que, desde o primeiro instante da queda da humanidade, a Fraternidade Universal acompanhou o gênero humano em seu declínio a fim de assisti-lo nos vales onde ele estava exilado, para auxiliá-lo em qualquer esforço espontâneo e sincero para encontrar a verdadeira senda de regresso. A Fraternidade não mantém apenas uma ligação abstrata com o homem que, eventualmente, esteja enobrecido para tanto; não, seu contato e sua declaração são altamente concretos e tomam forma na vida químico-elementar, a fim de evitar qualquer obumbramento opressivo das influências originárias da esfera refletora.

Devemos, ao mesmo tempo, compreender que o auxílio da Fraternidade a seus parentes decaídos não pode restringir-se à ajuda exclusiva ao gênero humano, mas precisa ser estendido, inevitavelmente, também ao campo de vida onde vagueia a humanidade decaída. Um homem que deseja ser puro não suportará continuar morando em uma casa que se torna cada vez mais suja e descuidada. E assim também, em um espaço de tempo relativamente curto, já não restaria a mínima possibilidade de regeneração, na realidade da vida dialética, se a Fraternidade aí não estivesse.

Por isso, essa sublime ordem criou um vácuo em nosso vale, neste reino sinistro da morte e do horror; um vácuo mantido a fim de que haja sempre uma saída sensata químico-elementar para cada um que assim desejar; uma passagem para a ascensão à luz original. Se é verdade que, para nós, em nossa miséria, é estendida

uma mão auxiliadora, esse auxílio, então, tem de estar presente agora e aqui, e deve ser conservado como base moral-racional* de salvação.

Há uma pedra angular eterna, que é inabalável. Quando alguém denomina essa pedra angular "Cristo", essa designação estará perfeitamente correta, desde que nos afastemos totalmente de todo o dogma e misticismo teológicos, pois esses dois pilares da porta teológica já viram passar incontável multidão em seu caminho para uma alienação absoluta de Deus. Essa porta tem danificado milhões de pessoas de forma quase irreparável.

Por essa razão, a Rosacruz moderna fala-vos do Gobi como foco de toque universal, da Fraternidade dos Elohim, da verdadeira Terra Santa e do "último remanescente", que é a designação velada dos sublimes que irradiam a luz, a radiação e a vibração de Cristo sobre o mundo inteiro e dentro daquele ou daquela que necessita e merece auxílio neste abismo de miséria.

Livrando-nos de toda a tendência desviadora de pensamentos, o importante é o seguinte: aqui, neste vale de sangue e lágrimas, a vida original, a natureza original, é preservada para nós como um reino santo, como degraus inferiores da escada que conduz à verdadeira vida. Esse vácuo geograficamente indicado e a Fraternidade que o preserva são chamados o "último remanescente".

Muitas pessoas que ouvem isso poderão mostrar-se extremamente surpreendidas ou, com indiferença, sacudirão os ombros. Mas posso afirmar-vos que existem alunos na Rosacruz moderna que encontraram a Ilha dos Elohim ou estão a caminho dessa *Caphar Salama*. E dir-vos-ei que toda a linguagem sagrada alude a esse fato, fornecendo informações a todo peregrino que almeja encontrar o oásis do Gobi.

Porque, como ocidentais, talvez sejais mais abertos à Bíblia, dirigimos vossa atenção para uma de suas velhas histórias, sobre Abraão e Melquisedeque. Lemos isso em Gênesis, capítulo 14:

> "E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra. E Abraão deu-lhe o dízimo de tudo."

Sabeis que, aliás, o Mestre Jesus é chamado um sumo sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, e que, do mesmo modo, Jesus trouxe pão e vinho e, como Melquisedeque, fez uma aliança com Abraão. Assim, também podemos dizer que uma aliança pode ser feita com Jesus, o Senhor.

Depois fala-se em João, o apóstolo do amor, que está em Patmos na solidão, abatido no isolamento da alma. E sabeis: para ele vem o Filho do Homem que, no meio dos sete candelabros de ouro, segura sete estrelas em sua mão direita.

Quem tiver entendido, por pouco que seja, o essencial da Fraternidade de Shamballa, reconhecerá essa linguagem e a assinatura do Primeiro e do Último; a assinatura do homem original que, no "último remanescente", para a nossa misericórdia, está pronto a aproximar-se de nós em imensurável amor.

Mas voltemos, por enquanto, a Abraão, buscando compreender aquela passagem até onde formos capazes. Quem foi Abraão? Um hebreu, um filho de Héber. Em linguagem transfigurística isso significa: um aluno da escola da transfiguração, a escola do renascimento.

Abraão, o Hebreu, é o homem que está transpondo a dialética, irrompendo na vida eterna. Ele encontra-se já bem adiantado no caminho, visto que o manto, o véu da nova vida, o rodeia. Esse manto é indicado como seu irmão Lot, o véu da luz universal. E assim também acontece na vida do aluno que se encontra no estágio inicial, para quem, portanto, o manto da nova vida ainda não se tornou posse inalienável.

Podemos comparar essa situação com o levantar e abaixar da luz de uma bóia luminosa em alto-mar, ou com o giro do facho

de luz de um farol: ele apenas desliza sobre a terra, deixando-a de novo nas trevas.

É nessa fase que o aluno experimenta grandes dificuldades. Na luta pela libertação, o manto da luz universal alterna-se muitas vezes com a luz sombria da dialética, e o aluno tem de enfrentar terrível luta íntima a fim de conseguir conservar sua posse real. Por conseguinte, na linguagem sagrada isso é descrito como o irmão de Abraão levado em cativeiro por Quedorlaomer. Este é o "que espalha a luz sombria".

Logo que o aluno se conscientiza de que a luz sombria pretende rechaçar sua posse recém-obtida, ele convoca seus heróis capazes de empunhar armas. Abraão traz seus trezentos e dezoito homens para o campo, contra Quedorlaomer.

Compreendereis, sem dúvida, que nessa fórmula devemos ver as doze forças celestiais que devem conduzir à recriação. O aluno, na senda, vive desses doze novos alimentos, e, quando os assimila conscientemente, o manto da nova vida já não o abandona.

Essa antiga e clássica luta exemplifica em sua totalidade o que é descrito na filosofia da Rosacruz moderna. Já não vos dissemos que a realidade de ser desta ordem de natureza dialética, a luz sombria, deve ser inteiramente abandonada a fim de sermos revestidos com a verdadeira veste da nova vida? E não recebemos todas as forças necessárias para pôr fim a essa luta?

Quando o aluno almeja isso de fato e apela para essas forças, elas jamais lhe serão negadas. Quando o aluno trava verdadeiramente sua batalha, ele alcança também o vale de Savé, isto é, o extremo abismo de sua miséria e sofrimento, o nadir de sua autodemolição.

Vede: nesse nadir o aluno encontra o Senhor de Toda a Vida, os sacerdotes da Ordem de Melquisedeque, que existem como o "último remanescente" da humanidade original nesta natureza hostil. O encontro de Abraão e Melquisedeque, no vale de Savé, é idêntico ao encontro entre João, o Precursor, e Jesus, o Senhor,

no rio Jordão. O rio Jordão transmite-nos a mesma idéia que o vale de Savé e a Ilha de Patmos.

> "E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; [...]
> E abençoou-o."

O aluno é, outra vez, revestido com o manto que já não lhe pode ser tirado, pois, agora, o campo de radiação, o manto, a nova lípica, está em comunicação direta com o campo espiritual magnético. O estado original do microcosmo, em princípio, foi restaurado, e a partir desse momento o aluno já não é um simples aluno, mas tornou-se um construtor sob a direção do divino Arquiteto.

Quando o aluno é alimentado com pão e vinho, segundo a ordem de Melquisedeque, isso indica que a luta no campo de vida chegou ao fim: os pães duodécuplos da vida universal podem ser assimilados e demonstrados como um campo de radiação, como um manto. E mediante o vinho do Espírito, ele permanece, então, firme qual rocha.

No Átrio da Rosacruz, a ceia do Senhor é servida diariamente; isso quer dizer que as doze forças da vida universal, como pão celestial e vinho do Espírito universal da Fraternidade, são distribuídas a todos os que se aproximam da Rosacruz.

Agora, dois fatos podem acontecer: ou assimilais a ceia ou ficareis perturbados pelo espírito do vinho. Essa intoxicação pode causar completa embriaguez física, loucura e forte oposição. O pedaço de pão mergulhado no vinho incitou Judas a realizar sua obra. Muitas decisões tencionando opor-se ao trabalho sagrado, aberta ou secretamente, o que depende inteiramente do caráter da pessoa em causa, têm sido e são tomadas no templo. As dádivas da Ordem de Shamballa, o pão e o vinho, sempre desmascaram; eles são como uma ordem: "O que pretendes fazer, faze-o depressa!" Vemos, pois, que existe uma ceia do Senhor, a da vitória, e outra, a da queda: a prova. Lembrai-vos, assim, da lenda de Noé.

Noé representa, exatamente, o mesmo que Melquisedeque; é lastimável que essa lenda, como tantas outras na linguagem sagrada, tenha sido terrivelmente mutilada.

Sabeis que Noé, da mesma forma que os Elohim sempre o fazem, preparou uma nova possibilidade de vida para os que ficaram para trás em uma revolução cósmica. E que fez Noé, em virtude da clássica obra dos Elohim? Plantou uma vinha. Contudo, logo depois, muitos de seus seguidores (os experimentadores no caminho) prostaram-se embriagados em suas tendas, em seus microcosmos. O vinho do Espírito, não estando em harmonia com seu campo de vida, em vez de levar à iluminação no e pelo Espírito, produz efeito contrário: um maior enclausuramento. É o que temos a dizer-vos. Todavia, será vantajoso explicar, aqui, como o aluno deve e pode evitar essa embriaguez. Ele pode evitá-la travando sua batalha, de justa maneira, ao lado de seus trezentos e dezoito heróis marciais, como fez Abraão. Nas linhas atrás já mencionamos essa fórmula, e agora nela nos aprofundaremos.

Na ciência sagrada da transfiguração essa fórmula indica que o aluno em causa deve esvaziar inteiramente sua consciência-alma, o ser-eu desta natureza; que ele deve morrer a morte metódica da natureza, o que resultará na completa eliminação da vida inferior, em uma vitória sobre a morte. Esse processo complexo, sendo iniciado com coragem e resolução, conduzir-vos-á à vitória sobre Quedorlaomer, o ser das trevas dentro de vós.

A Fraternidade de Shamballa, para salvar-nos, revelando-se como o "último remanescente", manifesta-se em nossa natureza em sete raios, em sete grupos. Não no sentido de sete escolas espirituais diferentes para as diversas raças, mas em um sistema de sete círculos sétuplos como já explicamos no livro[4] *Dei Gloria Intacta.*

---

[4]Ver Rijckenborgh, J. van, *O mistério iniciático cristão: Dei Gloria Intacta,* 3.ª ed. Jarinu: Editora Rosacruz, 2003.

Por conseguinte, qualquer aluno na senda que conseguir alcançar sua meta, que tiver chegado ao Savé, ao seu Jordão, à sua Patmos, verá e encontrará, um dia, o Filho do Homem no meio dos sete candelabros de ouro, segurando as sete estrelas em sua mão direita. E esse Filho do Homem irá abençoá-lo e confortá-lo com pão e vinho.

> "E o Senhor partiu o pão e disse: 'Tomai e comei. Este é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim, para uma ligação permanente'. Do mesmo modo, depois da santa ceia, tomou também o cálice, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós. Bebei todos dele; fazei isto para uma ligação permanente'. Porque todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha."

Todas as vezes que receberdes o pão e o vinho no Átrio da Escola da Rosacruz (e os recebeis a ambos, pela simples presença no templo), apenas há uma possibilidade para evitar a embriaguez e o enclausuramento: vossa alma pecadora terá de morrer. Conforme o exemplo de Cristo, tereis de realizar, dia a dia, no mais profundo do ser, a morte da alma segundo a natureza. Anunciareis, assim, a morte do Senhor em vosso microcosmo.

Se trilhardes essa senda da automaçonaria, a coroa da vida não vos será negada. Também estareis, então, aptos a dar o dízimo, como fez Abraão a Melquisedeque. Isso quer dizer que oferecereis à Fraternidade toda a plenitude de vosso novo ser, e que a seu serviço escrevereis vossas sete cartas às comunidades na Ásia.

Somente então estareis amadurecidos para tornar-vos um dos chamados servidores da luz.

7

Os duplos Elohim

Já vos temos falado muitas vezes sobre os Elohim, a nobre designação da "Fraternidade Universal", a humanidade original em manifestação, no tocante à sua atividade em prol de seus irmãos decaídos. Esses Elohim constituem a sublime e divina comunidade que, a serviço do Supremo Arquiteto, mantém o gênero humano em manifestação, fazendo tudo para conduzi-lo de regresso à vida original. A fim de trazer esses Elohim um pouco mais ao alcance de vossa compreensão, a fim de que vejais claramente que estamos falando de forças bem reais, vamos designá-los inicialmente como o "Espírito Santo".

Para a idéia cristã comum essas palavras soam familiares. O Espírito Santo é o poderoso que difunde a vontade de Deus sobre o mundo e a humanidade. A palavra "Elohim", segundo determinada combinação cabalística, significa: o poderoso de Deus, o alento do Espírito sobre as águas. O Espírito Santo cumpre a vontade de Deus, e para o conceito metafísico ele está bem próximo, embora muito irreal.

A teologia que recebeu a designação de suíça, ou bartiana, descobriu que todas as buscas e sondagens religiosas, sem o Espírito Santo, são infrutíferas. Desse modo, ela afirma, embora inconscientemente, que não se pode, em absoluto, seguir a senda sem o auxílio e a ligação da Fraternidade do Gobi.

Essa mediação sublime e universal tem um aspecto direto e outro indireto. A mediação direta é o encontro no plano físico

com uma das irmãs ou irmãos da Ordem dos Elohim; a indireta refere-se à força irradiadora que deles emana. Vemos, assim, que o toque pelo Espírito Santo tem duas fases. Essas duas fases, ou graus, são muitas vezes mencionadas na linguagem sagrada; trataremos desse assunto mais adiante.

Cada uma dessas duas mediações deve ser outra vez distinguida em dois aspectos: o masculino e o feminino. Existem Elohim masculinos e Elohim femininos e, igualmente, a força-radiação do Espírito Santo possui claramente raios de ação masculino e feminino.

"A senda", como denominamos em nossa filosofia, não é mera indicação simbólica do caminho que o aluno pode seguir para alcançar a nova vida libertadora, mas também uma suprema realidade. A senda principia quando o aluno é tocado pela força radiadora do Espírito Santo. Se ele segue avante, sob a direção dessa força, o Espírito Santo o preenche mais e mais. Isso quer dizer que a força irradiadora aumenta à medida que o aluno avança na senda. Ela se torna sua estrela-guia para Belém.

A Doutrina Universal ensina-nos que doze raios emanam dos Elohim. Essas doze forças são representadas em várias simbologias por doze pães. Levando-se em conta que Belém significa "a casa do pão", e que os três reis magos do Evangelho são guiados por uma estrela à "casa do pão", tudo fica muito claro para vós. Ir para Belém significa: seguir a senda para o Senhor de Toda a Vida. Aí o encontraremos: o verdadeiro homem, o homem-rei, o rei dos judeus. O significado espiritual e original da palavra "judeu" leva-nos à idéia "leão", e a combinação desses dois encontra-se também na palavra "Gobi" ou "Gob". Assim, quando vos falamos sobre o oásis no deserto de Gobi, informamo-vos, como os antigos clássicos, sobre Belém, "a casa do pão".

Agora deveis prestar especial atenção ao seguinte: se almejais de fato ser alunos sinceros, se em verdade quereis trilhar a senda, ou seja, se quereis ser guiados no caminho pelo Espírito Santo,

não enceteis estudos e experimentos individualistas, levados por vossa ambição dialética, porque Belém, para onde a força-radiação do Espírito Santo deseja conduzir-vos, talvez fique situada em uma direção bem diferente do que de início possais supor. Com referência a isso, desejamos dirigir vossa atenção para a vocação de Cristiano Rosacruz. Como a natureza e a maneira de realizar essa vocação eram totalmente diferentes do que ele imaginara!

Podeis imaginar talvez que "a senda" seja uma linha reta entre dois pontos. Podeis imaginar que a "casa do pão", a fonte dos Elohim, esteja situada em uma área totalmente isolada, em um vácuo. Mas deveis compreender que Belém está aqui! Os reis magos encontraram o rei dos judeus em um estábulo, na realidade infernal desta existência dialética.

Eis por que a senda para os Elohim não conduz a uma região isolada, nem à esfera refletora; é aqui que os encontrareis. Por isso, na ciência sagrada, o Espírito Santo também é designado como espírito planetário. O toque pelo Espírito Santo, seu trabalho de radiação, conduz o aluno para o centro da verdadeira vida, em uma atividade intensa e por meio dela, pois a salvação de um ser humano significa, ao mesmo tempo, o chamado e o despertar de muitos outros. No Átrio, exortamo-vos a iniciar a senda; ali ainda não estais na senda. Estareis na senda logo que o Espírito Santo vos tenha tocado com sua força irradiadora, se provardes ser receptivos e reagirdes a ela.

Se reagirdes, então sereis conduzidos para o deserto pelo Espírito Santo. Isso aponta para uma tarefa no próprio ser, e uma tarefa no mundo. Quem se encontra na força irradiadora dos Elohim sabe o que tem a fazer. O Espírito Santo lhe indica.

Assim, de acordo com isso, a assinatura desse aluno é também de natureza dupla. Ele demonstrará um desabrochar interior progressivo e, ao mesmo tempo, descobrirá um campo de atividade ao qual se dedicará, sem reservas, na senda do serviço. Nesse sentido, referimo-nos a Marta e Maria. Marta é a servidora; Maria, a

que está sentada aos pés de Jesus. Marta era uma discípula mais adiantada do que Maria, assim nos diz Mestre Eckhart. Marta era tão versada na contemplação como na vida ativa; enquanto Maria havia avançado apenas quanto à vida contemplativa, a preparação para sua tarefa. Sem a vida contemplativa, a vida ativa não tem sentido nem traz resultado algum.

A pergunta de Marta tencionava averiguar se sua amada irmã Maria já havia superado a fase contemplativa a fim de passar para o grande trabalho da salvação. Todavia, a resposta de Jesus tornou-lhe claro que Maria não estava ainda amadurecida para essa fase. Por conseguinte, Maria estava seguindo o caminho certo naquele momento, sentando-se aos pés do Mestre, absorvida em contemplação interior. Em sua condição, havia escolhido a melhor parte. Esperamos que possais compenetrar-vos perfeitamente disso.

Sem o toque do Espírito Santo, nada somos e nada podemos fazer. Sem o auxílio da força irradiadora da Fraternidade Universal, nenhuma libertação individual é possível; nem poderá desenvolver-se nenhum trabalho em prol da libertação do gênero humano. O que chamamos "vocação" ou "mandato" é o toque, a fecundação pelo Espírito Santo. Os discípulos iniciam o trabalho apenas após a descida do Espírito Santo. Apenas depois disso Maria e as outras santas mulheres os auxiliaram na execução de seu mandato.

A vontade do aluno precisa ser inflamada em Deus. Enquanto a própria vontade — a vontade da natureza — ainda arder nele ou nela, qualquer trabalho será mera ambição dialética, e surgirão todos os tipos de dificuldades. As pessoas então lutarão pelas mais importantes posições e, exatamente como os discípulos fizeram em seu estágio preparatório, começarão a disputar quem deve ser o mais elevado e o mais inteligente. No Átrio da Rosacruz é estabelecida a ligação da força irradiadora do Espírito Santo com quem assim o desejar. Se um aluno estiver amadurecido para esse toque, adquirirá a vocação; então a senda lhe será revelada.

Essa senda jamais causará conflito com outro irmão ou irmã, mas apenas trará harmonia e profunda compreensão mútua. As vidas contemplativa e ativa nunca se contradizem. Ambas seguem a estrela que as guiará à "casa do pão", a Belém, ao recém-nascido rei dos judeus.

O aluno ou a aluna que chega a Belém descobre, no próprio ser, o recém-nascido rei, o nascimento do novo homem no microcosmo. "Ainda que Cristo nasça mil vezes em Belém, se não nascer dentro de ti próprio, tua alma estará extraviada." Quando o recém-nascido rei dos judeus surgir no microcosmo, a velha vontade terá perecido: o rei da natureza estará morto.

Agora, após tudo o que dissemos, desejamos colocar-vos ante o ponto central do que tencionamos dizer, pois desejamos falar-vos sobre os duplos Elohim. O que isso significa?

Já mencionamos o fato de que existem Elohim masculinos e Elohim femininos, exatamente como esses dois aspectos podem ser claramente distinguidos na atividade do Espírito Santo. Eles são o princípio criador e o princípio gerador; o princípio racional e o princípio produtor; uma atividade dupla, totalmente sustentada e produzida pelos irmãos e irmãs da Ordem de Shamballa. Em caso algum a essência da perfeita harmonia existente nessa Fraternidade se manifesta de maneira mais clara do que na colaboração entre esses dois raios do Espírito Santo. Nada na dialética pode ser comparado a isso. Em qualquer atividade do Espírito Santo se desenvolvem esses dois raios.

Os doze raios são levados ao aluno por meio do pólo masculino; o trabalho de desenvolvimento é guiado pelo raio feminino. A orientação para a senda é desempenhada pelo raio masculino; o zelo e a contínua alimentação, pelo raio feminino.

Era com razão que os antigos sábios podiam falar a respeito da Fraternidade do Gobi, do Pai-Mãe do Mundo. Quando o irmão penetra em um coração humano, a semente é desenvolvida pela irmã. O irmão sega, debulha e leva a semente ao celeiro. A irmã

amassa e coze o pão. Juntos, eles desfrutam a felicidade e alegria de saber que o aluno comerá o pão vivo.

O duplo desvelo da Fraternidade Universal é indicado na linguagem sagrada como o desvelo dos anjos. Nas Escrituras temos uma grande quantidade de indicações referentes a isso.

Quando um raio do Espírito Santo se dirige a um grupo de pessoas que está em busca da Verdade, a fim de tocá-lo, se possível, esse é um raio de força; então, esse toque é de natureza estritamente *impessoal*. O reino de Deus nos vem em força, diz Paulo. Esse fato nos capacitará a distinguir imediatamente a verdade da mentira, pois as forças da esfera refletora sempre tentam envolver-nos com um toque *pessoal*.

Quando somos tocados, assim, por um dos raios de força do Espírito Santo, notamos que ele é caracterizado por um aspecto especial, isto é, a assinatura de seu produtor. Nessa manifestação há um sistema de linhas de força, certa imagem do objetivo e essência da força manifestada, mas também a imagem da sublime Fraternidade. Por isso, a linguagem sagrada fala em anjos que aparecem ante os profetas e videntes e ante quem amadureceu e foi tocado pelo Espírito Santo.

Nessa revelação da Fraternidade de Shamballa há também um som. O objetivo e a essência, ao mesmo tempo, são manifestados em sons. É por isso que se diz que os anjos falaram, transmitiram uma mensagem ou ergueram sua voz para anunciar ou advertir. Quem puder experimentar semelhante toque sentirá que essa experiência é completa e que nada é deixado ao acaso.

Está bem claro agora para vós que o aluno na senda recebeu e recebe tudo o que ele possa desejar. O Espírito Santo aproxima-se dele como mestre. O Espírito Santo fala-lhe e guia-o passo a passo na senda, embora não haja comunicação pessoal de espécie alguma. A luz na senda, o raio da Fraternidade, os duplos Elohim, é para ele tudo em tudo.

Que assim seja, algum dia, para todos vós!

8

O abismo do conhecimento

Verificamos que na linguagem sagrada a palavra "abismo" possui vários significados, conforme a diferença de intenção que é utilizada. Em geral, a palavra "abismo" ou "abismos" indica os vários estratos terrestres de nosso planeta, e algumas vezes refere-se em especial a um desses estratos. O aluno da Doutrina Universal sabe que os estratos terrestes são campos de força e campos de vida dentro do corpo do planeta, campos onde certas forças e certas espécies de vida se expressam. Muito pouco se tem dito acerca da verdadeira natureza dessas forças e dessa vida; elas acham-se ocultas ao profano.

Quando quiserdes adquirir alguma idéia desse mistério, deveis comparar o macrocosmo com o microcosmo. Aprendemos que o microcosmo é também uma composição maravilhosa de possibilidades e aspectos. Entretanto, no estado pecaminoso em que vivemos, essas possibilidades e esses aspectos acham-se acorrentados e atrofiados, visto que outros aspectos e outras forças menos desejáveis dominaram e assumiram a direção do sistema.

Acontece exatamente o mesmo com o macrocosmo. Existem vários estratos da terra que não podem revelar-se nesta ordem de natureza, embora sua manifestação seja grandemente desejável. Por outro lado, existem outros abismos abertos que deviam estar fechados. Nesse sentido a Bíblia nos fala sobre o abismo de onde surge a besta que, com suas forças pérfidas, transforma este

mundo em terrível inferno. Foi profetizado que essa radiação energética infernal, com todas as suas conseqüências, será um dia arrojada novamente ao seu abismo.

Além disso, fala-se também do abismo do conhecimento, o estrato da sabedoria universal. É esse abismo, esse estrato sempre associado com a Fraternidade Universal e com Cristo, que nos transmite a sabedoria de Deus; o estrato com o qual Jesus, o Senhor, se ligou, após sua via-crúcis até o Gólgota, pois ele desceu às partes mais profundas da terra.

Cada estrato, como também as forças e condições que aí se manifestam, corresponde às forças e condições que se manifestam na superfície da terra. Quando se diz que a humanidade é excessivamente terrena, devemos compreender o profundo significado disso. A besta que emerge da terra é evocada pelas próprias pessoas que demonstram e trazem o sinal da besta. Todas as forças dos estratos terrestres manifestam-se como santas ou ímpias, na mesma medida em que o próprio homem é ímpio ou santo.

Cada homem demonstra em seu ser a assinatura das forças com as quais está em contato. Assim, torna-se claramente visível, e pode até ser comprovado mais facilmente por seus próprios atos, se ele traz o sinal da besta ou o sinal do Filho do Homem. Por que se diz que esse sinal pode ser visto na testa? Porque a cavidade frontal é o primeiro e mais luminoso castiçal, por meio do qual o ser humano prova qual espírito o move.

É possível que conheçais o livro *A multidão criminosa,* do filósofo italiano Scipio Sighele. Nele o autor prova que uma multidão de pessoas de natureza material comum, embora sendo todas normais, pode perfeitamente desenvolver um extremo grau de criminalidade, pela conglomeração de instintos conduzidos na mesma direção. Sighele está certo. Uma coletividade de ações, pensamentos ou sentimentos dirigidos para um mesmo foco evoca forças dos abismos, que podem ter os mais desastrosos resultados. Portanto, também compreendereis que entidades que estejam

em condição, por sua qualidade interior, de abrir o abismo do conhecimento, também poderão fazê-lo.

A Fraternidade Universal fez isso, pelo menos no que concerne a seu trabalho pelos irmãos e irmãs decaídos neste planeta. Pela reunião de amor e força, a Fraternidade de Shamballa construiu essa abertura. Ela estabeleceu uma ligação entre a superfície corrupta da terra e o abismo, o estrato da sabedoria universal. Para cada aluno que for digno disso, a Fraternidade abriu amplamente, como diz o salmista, os tesouros do abismo. Nessa Fraternidade, portanto, o ser real de Cristo vem à frente.

Não adiantaria investigar ou considerar, mesmo que fôssemos capazes, como a Fraternidade de Shamballa abriu o abismo do conhecimento. Temos de compreender apenas que ela o fez. E o compreenderemos se estivermos decididos a trilhar a senda que conduz para essa Fraternidade.

Quase todas as escrituras sagradas confirmam o radiante fato de que esse grande trabalho de salvação foi realizado pela Fraternidade. A abertura ou a passagem entre o abismo do conhecimento e a Terra Santa, onde essa passagem alcança a superfície, é indicada em Isaías como uma árvore cujas raízes estão profundamente arraigadas na terra e cuja fronde alcança as nuvens.

É claro que já ouvistes sobre a árvore da vida, a verdadeira fonte de sabedoria, da qual vivia o homem original. Mas essa árvore da vida foi derrubada, disse Isaías. Tornou-se um tronco decepado. O abismo do conhecimento foi fechado. A esse tronco decepado Isaías denominou "Jessé", que significa "a corrente de forças salvadoras". Mas, vede, o profeta declara: "Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará".

A comunicação rompida foi restaurada na Fraternidade da Ordem de Melquisedeque; a árvore da vida ressuscitou: "E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e entendimento, o espírito do conselho e fortaleza, o Espírito do conhecimento e de temor do Senhor".

Assim, a força e a natureza do abismo do conhecimento, que é Cristo, foram caracterizadas pelo profeta. Esse abismo da eternidade é a fonte da qual a Fraternidade de Shamballa extrai seu conhecimento, de acordo com o testemunho de Lucas, capítulo 1: "para dar a seu povo conhecimento da salvação".

Com referência ao acima exposto, temos muito a transmitir-vos. A fim de capacitar-vos a compreender essa mensagem, temos de explicar, antes de tudo, como a Fraternidade Universal, guardiã da verdade espiritual e da sabedoria divina, utiliza esse majestoso tesouro para auxiliar o gênero humano.

Quando o hierofante assimila essa radiação de Cristo, ela é transmutada, primeiro, por ele e dentro dele, em uma gama vibratória assimilável pelo grupo de pessoas ao qual ele deseja dirigir-se. Uma vez efetuada essa transmutação, a vibração assim convertida será irradiada para o grupo de pessoas a que se destina; ela também pode ser destinada a uma única pessoa, no entanto, seja de um modo ou de outro, nem sequer a menor partícula de energia poderá ser ou será desperdiçada.

Tão logo o aluno ou o buscador no Átrio da Rosacruz é tocado pela vibração a ele destinada, há um influxo total em sua esfera aural. Essa transferência pode realizar-se mesmo havendo grande distância entre quem irradia e o recebedor. O obreiro-irradiador desenvolve, então, certo esquema de vibrações por meio de seus pensamentos, ou se dirige verbalmente ao recebedor, como ocorre no Átrio da Rosacruz.

Assim, a transmutação e a irradiação dependem inteiramente do domínio de uma ciência secreta que capacita o irradiador ou transformador a executar o trabalho de modo correto. Jamais uma pessoa será tocada por essa radiação transmutada sem que a tenha solicitado. O fato de alguém encontrar-se no Átrio pressupõe essa solicitação.

No instante em que o aluno absorve a força-radiação em sua esfera aural, desenvolvem-se dois trabalhos, e em cada um deles

há, de novo, dois aspectos: um duplo trabalho no santuário da cabeça e um duplo trabalho no santuário do coração. Podemos designar essa atividade dupla de atração e repulsão, ou simpatia e antipatia.

Quando um aluno é tocado pela força-radiação, ele é obrigado a reagir. Assim como a energia solar exerce sua atividade em cada organismo, do mesmo modo ocorre com essa radiação-energia, e é, portanto, uma lei natural que isso resulte em uma reação. Examinemos agora, com mais detalhes, suas conseqüências.

A reação é simpática ou antipática. Caso o aluno rejeite o impulso em um ou em ambos santuários — o que muitas vezes ocorre, sendo às vezes acompanhado de grande irritação —, a reação poderá ser tão forte que essa pessoa já não consiga manter a atitude que vinha mantendo até então, sentindo-se acuada e desmascarada, de certo modo. Ela experimenta o impulso como um açoite; fica antes irada e expressa sua indignação de acordo com seu nível de educação. Esse remédio antipático é tão arrasador e desassossegante que, por vezes, a reação será necessariamente simpática, embora em alguns casos outro giro na roda* do nascimento e da morte seja imperativo.

Se o aluno reagir com simpatia, isso não implica, de modo algum, que ele irá compreender e sentir corretamente. O importante é que o aluno esteja disposto a receber o impulso; que sua atitude em relação a ele seja harmoniosa. Pelo impulso recebido, esse aluno é também impelido a um processo. Ele defronta-se com problemas e dificuldades. Não que estes o aflijam, partindo de fora, mas, pela luz reveladora da Fraternidade, as tensões presentes em sua própria consciência e caráter são trazidas à tona, de modo que o aluno é confrontado consigo mesmo. Assim, no redemoinho dessa tempestade em sua vida, é bem possível que ele mude a reação de simpática para antipática.

Portanto, podemos comparar o Átrio da Escola Espiritual exatamente com um mar tempestuoso, onde os navios são atirados

de um lado para outro. Compreendeis assim que vossa ligação com a Escola Espiritual será sempre para vossa felicidade eterna, não importa a natureza de vossa reação inicial.

Em resumo: a força-radiação de Cristo tem de ser primeiro recebida pelo obreiro; em seguida, essa força de radiação é cientificamente transmutada na potencialidade a ser irradiada e transferida para o campo de respiração do aluno, para assim realizar nele seu trabalho em ambos os santuários, seja simpática ou antipaticamente, mas, em qualquer dos casos, provocando violenta comoção.

Com essa descrição indicamos o método que a Fraternidade aplica em relação ao aluno. A atividade da Fraternidade no santuário do coração é indicado como o desenvolvimento místico; o trabalho no santuário da cabeça, como o desenvolvimento mágico; a ciência mediante a qual esses trabalhos são realizados é denominada a Arte Real; e a força pela qual se exerce essa arte é a sabedoria divina, o fruto da árvore da vida.

Essa graça divina é para todos os que, abalados em seu eu, anseiam por despedir-se de sua comida de porcos e retornar à pátria perdida.

Depois do acima exposto, deveis verificar por vós mesmos que os grandes enviados da Fraternidade celestial, geralmente indicados como fundadores de religiões, na realidade jamais instituíram religiões, organizaram igrejas, escreveram livros, formularam doutrinas, ou fundaram escolas de mistérios. Todos eles transmitiram a mesma mensagem à humanidade:

1.º tendes de fazer de vosso corpo, de vossa personalidade, um templo em vosso próprio microcosmo;
2.º tendes de estabelecer uma igreja dentro de vossa própria realidade de ser, ou seja, tereis de fazer tudo o que puderdes para receber corretamente o impulso da Fraternidade celestial em vosso próprio santuário do coração;

3.º além disso, tendes de santificar vossa inteira personalidade, a fim de vos tornardes uma escola espiritual interior, de modo a aprenderdes a compreender perfeitamente em vosso santuário da cabeça os objetivos da Fraternidade.

Provavelmente tereis percebido, pelo que foi descrito, que o método da Fraternidade é caracterizado por quatro raios. Assim, olhando no sentido de cima para baixo, vemos:

1.º o raio da Sabedoria Universal;
2.º o conhecimento misterioso do ritmo;
3.º o raio do elemento mágico, que é o adentrar da sabedoria no santuário da cabeça, por meio do ritmo;
4.º o raio do elemento místico, que é a consolidação da sabedoria de Deus no santuário do coração, por meio do ritmo.

Três destes raios são imitados neste mundo; em conseqüência disso, o quarto raio permanece hermeticamente fechado para qualquer ser humano que se desgasta nestes três raios imitadores ou em qualquer um deles. As três imitações são chamadas: arte, ciência e religião.

1. Na primeira imitação, vemos o ritmo divino imitado em inúmeros templos de arte. Neles, quase sem exceção, produz-se o ritmo da esfera refletora.
2. Na segunda imitação, escolas espirituais são estabelecidas para explorar o conhecimento mágico.
3. Na terceira imitação, encontram-se milhões de igrejas, em uma discórdia sem esperança.

Sem nenhuma exceção, esses três raios imitadores são inúteis e extremamente perigosos, porque mantêm a humanidade afastada da senda única e da verdadeira vida.

Tendes de construir um templo, e também uma escola espiritual, em vosso próprio microcosmo. Chamamos a isso o duplo caminho de santificação e automaçonaria, o qual não é inovação da Rosacruz moderna. Lao Tsé já falava desse duplo caminho, e os *Phree*[5] *Messen* de Hermes Trismegisto também deram testemunho disso.

Quando o homem que busca se torna, desse modo, um membro genuíno da Igreja Universal, portanto, um verdadeiro discípulo da Fraternidade Universal, em dado momento entra em ligação com a verdadeira Arte Real, penetra até a ciência do ritmo da árvore da vida. Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça! Nesse ritmo, ele se torna um rebento da árvore da vida, mergulha no abismo do conhecimento, e encontra-se na senda do serviço, em conjunto com os demais.

Esperamos e oramos que, um dia, todos os nossos irmãos e irmãs possam construir essa igreja e essa escola e penetrar nessa eterna beleza da verdadeira arte, a fim de que sejam cumpridas as palavras de Isaías, capítulo 11: "Porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor".

[5]Termo copta que significa "filhos da luz".

9

As Filhas da Terra Santa

Tendo em vista o fato de que, há muito, o raio de ação da Escola Espiritual já se estendeu até a esfera de ação da Fraternidade de Shamballa, e nós, como servidores da Escola, fomos considerados dignos de lançar um olhar sobre sua atividade, foi-nos permitido penetrar, até certo grau, em seu modo de expressar-se. Assim sendo, não podemos ocultar a nossos alunos a descoberta de que dois raios distintos se desenvolvem nitidamente na esfera de atividade dessa sublime Fraternidade. Podemos designar esses dois raios como a força espinal hierofântica e a força astral hierofântica. Os hierofantes* da linha masculina encontram sua atividade na força espinal; os hierofantes da linha feminina, na força astral. A força espinal no microcosmo tem seu foco no santuário da cabeça; a força astral, no santuário do coração.

Na sabedoria universal, a força espinal, em colaboração com seu foco no microcosmo, é denominada Adão. A força astral, também em colaboração com seu foco no microcosmo, é chamada Eva.

A idéia "Adão" dirige nossa atenção para a vida mental estabelecida no santuário da cabeça; a idéia "Eva" indica a vida sentimental, centralizada no santuário do coração.

Adão, algumas vezes, também é simbolizado pela serpente, porque o sistema espinal, estendendo-se da cavidade frontal ao plexo

sacro, tem realmente a forma de uma serpente. Eva é simbolizada de vários modos, todos eles expressando a força vital. Isso é lógico e aceitável, visto que o santuário do coração é a fonte e o foco da força vital.

Quando essa curta e sóbria explanação tiver-vos dado uma idéia do mistério Adão-Eva, então gradualmente podereis vir a compreender várias passagens difíceis da Bíblia.

A força espinal, com dois aspectos, um concreto e outro abstrato, é uma radiação mais refinada e mais sutil do que a força astral. Quando vemos as forças, em um grupo de doze, que criam a realidade de ser do homem, então podemos dizer que a força espinal é a mais elevada; abaixo dela se encontra a força astral e, mais abaixo ainda, as quatro forças etéricas com seus componentes. Na linguagem da sabedoria, essas doze forças cooperantes no sistema microcósmico são também denominadas os doze pães do céu ou os doze pães da proposição do templo.

Na formação de um sistema, a força espinal é a primeira a manifestar-se. Ela tem a forma de uma serpente ígnea. De seus lados flui certa vibração, que atrai a força astral, e, pela colaboração de ambas as forças, os éteres adentram o sistema. E, por fim, a figura ao redor de ambos vai tomando forma.

Compreendereis agora, provavelmente, a história simbólica de que Adão veio primeiro, e que mais tarde Deus, para dar-lhe uma companheira, tirou-lhe de um dos lados uma costela, com a qual moldou Eva para auxiliá-lo. Dessa santa e divina colaboracão se desenvolveu uma vida gloriosa no sistema microcósmico humano, o paraíso microcósmico.

A colaboração ideal entre *spinalis* e *astralis* produz, é óbvio, uma personalidade harmoniosa, na qual tudo se revela em concordância com a vontade divina e dela testemunha. Todavia, tão logo se manifestou uma cisão no ser humano e, assim, cessou a colaboracão entre os santuários da cabeça e do coração, a harmonia em sua atividade mútua foi destruída, e a união harmoniosa

já não pôde expressar-se. A Bíblia alude a esse distúrbio como "a serpente falando a Eva".

No decorrer dos séculos, a questão se a serpente pôde falar ou não tem sido motivo de discussões infindas. Não é necessário determo-nos aqui muito tempo, já que uma serpente, não tendo laringe, é incapaz de articular. Para o transfigurismo, a história completa não é muito difícil de ser entendida.

A *spinalis,* base da radiação-sabedoria, é a força reguladora, a faculdade inteligente. É ela que auxilia no recebimento da força astral e determina sua medida e sua qualidade. Simbolicamente é assim que a serpente sempre "fala" a Eva.

Velhas histórias dirigem a atenção para o fato de que certa parte da humanidade utilizou os poderes divinos de modo forçado e abusivo e, como conseqüência natural, a harmonia entre *spinalis* e *astralis* foi perturbada. Desde então, um metabolismo harmonioso estava fora de cogitação, e o homem decaído foi apartando-se, mais e mais, de seu domínio de vida original.

A acusação recíproca, que com relação a Adão e Eva é externada tantas vezes, também é psicologicamente correta, pois, quando na vida humana as rodas da estrutura orgânica já não se entrosam, a desarmonia surge, e obrigatoriamente se seguem as acusações mútuas entre cabeça e coração.

Sem dúvida, também já experimentastes violento conflito interior no qual ora a cabeça ora o coração disputavam o domínio. Assim, cabeça e coração reforçam, um no outro, o que está errado, e um dramático conflito como esse é também a prova científica da maldição do Paraíso. Por isso foi dito a Adão: "No suor do teu rosto comerás o teu pão". E a Eva: "Com dor darás à luz filhos".

Quando um ser humano, pela transgressão das divinas leis da vida, está separado da sabedoria divina, a mente, ou alma racional, encontra-se em trevas. E, assim, o caminho terá de ser explorado em plena escuridão, sempre às apalpadelas, experimentando e especulando. Quem de nossa humanidade não se encontra nesse

caminho? Por isso, todos vós conheceis por experiência quantos esforços, sofrimentos, tristezas e desapontamentos são necessários para impedir uma submersão total nesta existência nebulosa. O santuário do coração, fonte da força astral responsável pela assimilação das forças etéricas, criadoras e realizadoras, natural e logicamente participa dessa força destrutiva da mente. Cada pensamento errado resulta em realização errada. Essas realizações, nossos filhos das dores, dão-nos provas a toda hora de nossa queda.

Agora, após termos lançado um olhar ao início do Velho Testamento, voltemos ao começo do Novo Testamento. Ouvimos, então, e lemos a respeito de uma nova Eva e de um novo Adão. A nova Eva é chamada Maria, e o novo Adão é José, o carpinteiro. Vemos em ambos exatamente a imagem contrária dos outros dois. Eles deixaram sua residência para voltar ao lugar do nascimento. Podemos ler acerca disso em Lucas, capítulo 2.

Por ordem de César Augusto, todos deviam comparecer à cidade natal para registro. José, sendo da casa e geração de David, apressou-se com Maria, sua esposa, para a cidade de David, que é chamada Belém. Aconteceu que, estando ali, os dias foram chegados, e Maria deu à luz seu primogênito.

Quando aplicamos essa história à nossa própria vida, podemos também, em nossos dias, ouvir o chamado para que deixemos nosso presente domicílio e encetemos o caminho para nosso lar original. Em outras palavras: temos de realizar a completa reversão, rumo à nova vida.

Do mesmo modo que Jesus, o Senhor, nasceu de José e Maria, assim também desce uma radiação de sabedoria original inteiramente nova na vida do homem convertido. Por isso, a cabeça da velha serpente é esmagada, e uma nova serpente, a serpente da sabedoria, surge no ser.

Esperamos que comeceis a compreender alguma coisa dos desígnios da humanidade original. Quando a linguagem universal

fala sobre homens e mulheres, ela não se refere, em regra geral, aos sexos, mas à *spinalis* e à *astralis* no microcosmo.

Gostaríamos de dar outro exemplo relacionado a isso, e recomendar também que lêsseis Mateus, capítulo 24. Ali, a próxima revolução cósmica e atmosférica é mencionada e também somos instruídos sobre como o ser humano deve agir durante aquele tempo. Quando lemos: "Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!", vemos uma referência direta ao trabalho da força astral em toda a vida humana. Naturalmente essa revolução cósmica tem vários momentos de crise, e a influência de certas forças se torna tão grande que cada homem é obrigado a reagir, harmoniosa ou desarmoniosamente.

Portanto, quando assimilamos forças astrais ímpias em nosso sistema, a ação correspondente terá de se seguir, porque a força astral, natural e logicamente, executa um trabalho etérico e, em conseqüência disso, uma manifestação-forma.

Se sois fecundados por força astral ímpia, ficais ligados a uma seqüência de ação e manifestação que dificilmente pode ser medida por limites de tempo, mas certo é que não podeis reagir harmoniosamente às forças cósmicas enquanto estiverdes assim ligados. Então o aviso de Mateus, capítulo 24, não se refere tanto às mulheres que trazem filhos no coração, mas é uma advertência significativa para cada ser humano, sem exceção.

Esse é também o caso de muitas declarações de Paulo, que no texto original foram em parte mutiladas. A esse respeito a igreja antiga carregou-se de grande culpa. Quando Paulo fala no relacionamento entre homem e mulher, certamente não deseja transmitir a seus discípulos alguma teologia de moral, mas deseja indicar o correto relacionamento entre *spinalis* e *astralis*. Se a compreensão justa a esse respeito despertou agora em vós, quando estudardes a Bíblia sob essa luz, indubitavelmente muita coisa que era incompreensível desse momento em diante se tornará bem clara para vós.

Voltando ao ponto de onde partimos, repetimos que dois raios emanam da Fraternidade Universal: um masculino e outro feminino. Uma radiação é dirigida à atividade astral no ser humano; a outra, ao fogo espinal espiritual. Depois do que explicamos, estará claro para vós que uma absoluta harmonia e colaboração entre *spinalis* e *astralis* é uma exigência divina. E vereis, com clareza, que também os irmãos e irmãs da Fraternidade Universal, não importa quão diferente possa ser seu trabalho, precisam ter atingido elevado aprimoramento em sua colaboração.

Portanto, antes de concluir, gostaríamos de lançar alguma luz sobre a tarefa das Filhas da Terra Santa. A tarefa dessas santas mulheres é tão extensa que não pode ser inteiramente tratada em uma única palavra de encerramento. O que se pode dizer é que sua tarefa concerne à regulação e à transformação do inteiro sistema nervoso e, conseqüentemente, da alma emocional humana. O fluido nervoso é o fluido astral, e sabeis que o fluido nervoso do ser humano dialético flui através de um sistema dividido. Falamos nestes termos com relação ao sistema nervoso automático, ou sistema* simpático, e do sistema nervoso cerebrospinal.

No sistema nervoso simpático se expressa todo o passado dialético do ser humano e, conseqüentemente, também o sangue de todos os ancestrais. Este mesmo sistema é o mais importante obstáculo que faz retroceder o aluno desejoso de seguir a senda. Devido ao fardo do passado, as forças astrais inferiores têm plena liberdade de atuação no ser humano, tornando-o, assim, incapaz de converter sua vida.

Portanto, o aluno precisa ser auxiliado pela Fraternidade celestial para eliminar do sistema nervoso simpático a penalidade do passado, a fim de que a eventual renovada radiação-sabedoria de Cristo possa encontrar no sistema nervoso um instrumento solícito para expressar a vontade de Deus.

A força astral no sistema simpático do ser humano é chamada força satânica. Essa força é o Satanás no ser humano. A semente

ímpia, modelando-se em uma vida ímpia, é combatida com o auxílio das Filhas da Terra Santa, a fim de que este lado fatal da maldição do Paraíso, "com dor darás à luz filhos", seja anulado. O toque do Espírito Santo em Maria e Isabel é o toque universal para revogar essa condenação do gênero humano.

Com referência a ambos os sexos, a única diferença entre o homem e a mulher, a respeito desse problema, é que o ser masculino é tocado primeiro na *spinalis,* e o ser feminino, primeiro na *astralis.*

Esperamos que tenhais compreendido, por fim, que as Filhas da Terra Santa e os Filhos da Vontade e da Ioga estão ativos na eliminação da dupla maldição do Paraíso, a fim de que todos nós um dia voltemos à terra da luz eterna, imperecível e oniabarcante!

10

Os Filhos da Vontade e da Ioga

Nos capítulos anteriores tratamos da atividade dos dois raios que emanam da Fraternidade de Shamballa: a atividade dos hierofantes da linha feminina e a dos hierofantes da linha masculina. O primeiro grupo é indicado na linguagem universal como as Filhas (ou as Mulheres) da Terra Santa; e o segundo grupo, como os Filhos da Vontade e da Ioga.

Foi-nos dito também que os hierofantes da linha feminina se dirigem, em especial, à força astral e operam com essa força, enquanto os hierofantes da linha masculina operam com a força espinal. Esses dois raios encontram-se um com o outro, evidenciando-se em diversas atividades etéricas.

Neste capítulo é nossa intenção tratar do raio de ação dos Filhos da Vontade e da Ioga; poderemos então terminar, por agora, nossa série de exposições sobre a Fraternidade do Gobi.

Se fizermos uma rápida pesquisa no âmbito dos mitos, lendas e símbolos da literatura mundial e da linguagem sagrada, verificaremos que se fala da Fraternidade de Shamballa como um filho, como três filhos, como sete, oito e doze filhos. Considerando superficialmente, poderíamos estar inclinados a acreditar que essas histórias e informações são caprichos românticos dos autores em questão, pois afinal faz grande diferença sermos colocados perante o Filho unigênito de Deus do cristianismo ortodoxo, ou diante de uma multiplicidade de filhos divinos, em um panteão religioso. Contudo, penetrando a realidade do que está por detrás

dessas coisas, descobriremos, então, que todos esses autores têm em mente uma mesma verdade eterna e imperecível.

Antes de tudo, devemos levar em conta o fato de que a força astral age sobretudo no sistema nervoso simpático (ou automático), no sangue e nos órgãos geradores de sangue. Nessa inteira circulação de forças, o coração, o fígado e o plexo solar desempenham um papel de grande importância. O fluido astral planetário circula no sistema simpático, ou é atraído para ele, de acordo com o estado de sangue e a qualidade do fluido nervoso.

O fluido espinal, que é uma substância cósmica de composição mais sutil e de vibração mais elevada do que o fluido astral, corresponde na personalidade ao sistema nervoso cerebrospinal, que, em muitos aspectos, pode ser controlado pela vontade e no qual nossos pensamentos, como também nossa consciência, podem expressar-se.

Esperamos que agora possais imaginar, com facilidade, como funciona o sistema da personalidade em colaboração com as forças cósmicas.

A consciência espinal centralizada no santuário da cabeça atrai fluidos espinais cósmicos, com auxílio dos quais a consciência ou a alma é capaz de fazer ponderações mentais e volitivas. Essas atividades causam uma tensão no sangue e no fluido do sistema nervoso simpático, e, como resultado dessa tensão, o fluido astral cósmico é atraído. Essa força altamente elétrica, por sua vez, é responsável pela assimilação de éteres, como também pelas suas qualidades e relações interdependentes. Depois dessa assimilação, o sistema inteiro tem de passar à ação e à manifestação, com base no pensamento inicial.

O sistema nervoso duplo em seu conjunto é indicado como uma árvore no simbolismo sagrado de todos os tempos e, na Bíblia, como uma figueira, segundo a maneira do Oriente. Essa simbologia é muito lógica, pois, se compararmos com o tronco a coluna do fogo espiritual espinal, que se eleva do plexo sacro,

então o santuário da cabeça é a fronde, e os doze pares de nervos cerebrais, que descem do santuário da cabeça para dentro do corpo todo, os galhos pendentes.

É evidente que a árvore da vida significa a atividade original, pura e ideal desse sistema de vida, e que a árvore do conhecimento do bem e do mal dirige nossa atenção para sua atividade ímpia perturbada.

Na ciência da transfiguração, essas coisas podem ser estudadas e explicadas com minúcias. Quando a consciência da *spinalis* especula com as forças mentais e as forças da vontade, sobrevém impreterivelmente uma perturbação na assimilação do fluido astral planetário. Qualquer criança pode compreender isso.

O fluido astral, altamente dinâmico e explosivo, efetua, além de ações ímpias, também uma depravação e fermentação no sangue e, além disso — e aqui a cadeia se fecha —, um obscurecimento da consciência. Esse obscurecimento da consciência, tornando-se um fato, coloca a personalidade toda em um deslizar para novos desvios e degeneração final.

Essa escravidão à roda do nascimento e da morte, a animalização e infindável cisão da consciência humana, o glúten[6] pecaminoso no sangue, como é citado por Karl von Eckartshausen, são realmente bem concebíveis. Quando viveis na luz e causais a escuridão por um erro incidental, tendes conhecimento do bem e do mal naquele mesmo momento. Quando, porém, continuais a pecar e a depravar vossas faculdades divinas originais, perdeis a lembrança do Bem absoluto e da Luz absoluta. A escuridão e o mal tornam-se então, por assim dizer, uma constante na vida para vós e para a humanidade. Se nessa circunstância falardes do

---

[6]Essa palavra, utilizada por Karl von Eckartshausen na quinta carta de seu livro *A nuvem sobre o santuário*, tem sua origem etimológica na palavra alemã *Glut*, brasa; é o nome dado para uma matéria viscosa oculta no sangue, a matéria do pecado.

bem e do mal como de valores opostos, estais realmente falando como um tolo e quereis ser bons no mal. Desde que a humanidade caiu neste estado dialético, nada e ninguém é bom, como a Bíblia afirma com propriedade.

A vida que vivemos é um jogo lúgubre. A uma partícula de nossa noite escura como breu chamamos "o bem", e à outra, "o mal", e estabelecemos normas para o bem e o mal.

Assim como uma criança, brincando em um tabuleiro de areia, constrói castelos com poderosas ameias, enchendo-os com vida irreal e imaginária, reservamos lugares em nossas masmorras, que denominamos "igrejas". Nós mesmos nos sugerimos a crença de que elas são a igreja de Cristo e imitamos partilhar da libertação, assim como a criança, com honesto e profundo ardor, vive de sua imaginação.

Qualquer especulação metafísica, filosófica, científica, política, social ou econômica, neste mundo de trevas, que não afete as bases essenciais de nossas masmorras, intensifica as trevas, transferindo assim o alvorecer para um longínquo futuro. Assim, a igreja torna-se uma masmorra, e um invento, uma catástrofe; uma reforma social torna-se uma pedra de mó, e a vida, um inferno, com dinamismo sempre crescente.

Vede, assim as duas árvores do Paraíso mítico estão bem diante de vós e dentro de vós: a árvore da vida e a árvore do conhecimento. Transformamos a figueira santa em uma árvore parasita impiamente mórbida. O mito clássico é tão a propósito, que a Bíblia desvela-se qual grande clarão.

Já observastes a serpente? A serpente pendura-se e vive na figueira. Essa serpente é a alma, a consciência que vive na *spinalis*. É claro por que se fala de uma serpente, pois de fato o sistema espinal pode ser organicamente comparado a uma serpente.

Quando Jesus, o Senhor, conclama seus discípulos a serem "sábios como as serpentes", ele alude à união pura e santa que outrora existia entre a *spinalis* e a vida divina, a sabedoria divina

que era essencialmente una com a *spinalis*. Mas a serpente original dos mistérios sublimes degenerou em um réptil; o sibilante ofídio coleia pela matéria, infestando com seu veneno tudo o que foi criado. Por isso, compreendemos por que a linguagem sagrada, de um lado, fala ao discípulo "sede sábios como as serpentes", e por que, de outro lado, denomina a serpente como a mais hedionda.

É claro também por que se fala do dragão de sete cabeças, que surge das águas tempestuosas, e da Hidra de muitas cabeças, pois a serpente espinal tem realmente sete cabeças. São as sete cavidades cerebrais das quais já vos falamos muitas vezes, e que orgânica e intimamente estão ligadas com o inteiro sistema espinal. As sete luzes que ardem nas sete cavidades cerebrais são as sete cabeças da serpente ou do dragão; são os sete olhos dos contos de fada e as sete passagens para Shamballa.

As coisas acima mencionadas dão-nos a clara percepção do desvelo divino por nossa salvação. Vemos o majestoso e glorioso trabalho da Fraternidade Universal. Verificamos seus esforços para reerguer e transfigurar a humanidade decaída e sua personalidade mutilada. A árvore da vida, a figueira humana original e eternamente viva, de novo terá de ser erigida, e temos de regressar ao Paraíso em nós mesmos.

Compreendemos o trabalho livremente assumido pelos Filhos da Vontade e da Ioga e por que eles se apresentam em sete aspectos. Os sete aspectos da Vontade e da Ioga, como castiçais acesos nas sete cavidades cerebrais, devem ser neutralizados e apagados, segundo a natureza. A cabeça da serpente velha e má, a cabeça sétupla do monstro, tem de ser esmagada, a fim de que a Ioga divina, a sabedoria divina, possa adentrar e a vontade divina, como sumo sacerdote, possa reger o sistema espinal, conduzindo-o à transfiguração.

As sete luzes são acesas, e o aluno segura-as em sua mão direita. Os doze pares de nervos cerebrais, como ramos da árvore da vida, são impelidos à regeneração. O fluido recriador da vida penetra

nos três santuários e, do plexo sacro, jorra a água viva através dos oito portais do santuário, fluindo para dentro do mar de cristal, e já nada poderá rompê-lo.

Os trinta e três aspectos da Vontade e da Ioga, os trinta e três segmentos do sistema espinal, erguem-se como uma serpente cheia de sabedoria. E a serpente que antes emitia palavras de morte profere agora palavras de beleza, sabedoria e amor. O filho de Hiram, o arquiteto divino, tornou-se um recém-nascido rei; ele é um filho unigênito de Deus; um filho das serpentes e dos leões. A árvore da vida torna-se outra vez uma coluna no templo de Deus.

Esperamos e oramos que possais compreender algo de tudo isso, e da verdadeira vida para a qual vosso supremo ser é eleito; e do auxílio que vos é oferecido por meio da Escola Espiritual. Esperamos que conosco possais empreender vossa jornada através do deserto rumo ao coração do Gobi.

Já desde algum tempo a Escola da Rosacruz moderna se tornou um elo vivente da Fraternidade Universal e não mera instituição para difundir filosofia. O templo-átrio é a entrada para o salão nupcial, e é nossa vocação enchê-lo de convidados e participantes, irmãos e irmãs a quem nos será permitido dizer: "Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro".

Todos os que entram para o salão nupcial têm de possuir o sinal, a assinatura do Filho do Homem; a característica do verdadeiro franco-maçom, o verdadeiro construtor; a assinatura da verdadeira filiação.

Essa assinatura revela-se na testa, diz a Bíblia. Isso é um fato cientificamente provado. Todos os que, de fato, começam a trilhar a senda transfigurística, observando as exigências elementares da Escola Espiritual, em absoluto amor devocional e radiante entusiasmo, apresentam, após alguma preparação, uma mudança no sistema espinal, disso resultando que os sete filhos, os sete raios da Vontade e da Ioga, adentram o sistema espinal.

Compreendereis que essa mudança se tornará manifesta: ela se tornará visível no santuário da cabeça, expressando-se clara e acentuadamente em todo o espelho da face. Essa é a assinatura primária, o sinal do Filho do Homem, o imprescindível requisito para a permanência no santuário da Escola de Consciência Superior, a fim de participar do verdadeiro trabalho de construção.

Todos os que ali ingressam sem possuir essa assinatura primária serão desmascarados um dia. Qualquer fraude será corrigida irrevogavelmente. É necessário que compreendais em que consiste realmente essa fraude. Quem vê a senda mas não a segue é de fato um fraudador. Se alguém disser que tem fé "sem obras", como diz Tiago, é um fraudador. Quem experimenta como absolutamente verdadeiro o que a Escola Espiritual transmite e, de algum modo, ainda se apega à vida antiga é um fraudador.

É uma necessidade científica converterdes a figueira do bem e do mal na árvore da vida. Se permanecerdes nesse processo, tornar-vos-eis um justo, um construtor; mas se permanecerdes ante o processo sem jamais encetá-lo, sereis então, de fato, um completo fraudador.

Na linguagem sagrada, o termo "israelita" geralmente não significa nacionalidade, mas, sim, filho do leão, filho de Deus, um filho de Deus que recebeu o chamado. Podeis imaginar agora essa pessoa ante o processo, portanto um fraudador; ou no processo, conseqüentemente um justo.

Quando finalmente, e sob essa luz, pensardes no que diz o Evangelho de João, compreendereis, sem dúvida, a intenção do evangelista:

> "Jesus viu Natanael vir ter com ele, e disse dele: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo. Disse-lhe Natanael: De onde me conheces tu? Jesus respondeu, e disse-lhe: Antes que Filipe te chamasse, te vi eu, estando

> tu debaixo da figueira. Natanael respondeu, e disse-lhe: Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel."

Natanael é o discípulo que iniciou o processo da transfiguração, apresentando natural e logicamente a assinatura disso. Nele não há fraude. Nele floresce o início de uma nova consciência que o habilitará a reconhecer a mão auxiliadora da Fraternidade Universal.

Enquanto permanecerdes no estado de fraude, não alcançareis essa consciência e negareis todos os que, com amor inexprimível, vos querem ajudar.

Esperamos e oramos que em breve todos vós possais ser encontrados sob a figueira e que também possais ser chamados filhos das serpentes, setuplamente coroados.

Ó Deus provindo de Deus — de quem, por meio de quem e para quem são todas as coisas! Nós te louvamos e glorificamos teu nome por toda a eternidade!

Biografia do autor

Jan van Rijckenborgh, pseudônimo de Jan Leene, foi um rosacruz moderno e um gnóstico hermético — duas qualificações que marcaram toda a sua vida.

Ele nasceu em Haarlem, na Holanda, em 1896, em uma família de orientação cristã. Ainda jovem, aprofundou-se em questões religiosas e principalmente na aplicação conscienciosa delas na vida cotidiana. Devido a isso, afastou-se do cristianismo superficial bem como da mentalidade teológica sem nenhuma profundidade. Seu grande senso de justiça levou-o a ligar-se ao movimento trabalhista que já tomava fortes contornos em sua juventude. Esse foi um período bastante agitado, no qual o professor dr. A. H. de Hartog (1869–1938) atraía multidões à igreja com sua "Teologia Realista". Jan Leene era um de seus ouvintes. Com Hartog ele aprendeu o profundo significado das palavras da Epístola aos Romanos, onde é dito que "a nova vida é o verdadeiro sacrifício".

Jan Leene e seu irmão Zwier Willem Leene, ambos ardorosos buscadores, foram aos poucos se conscientizando da direção que deviam tomar a fim de poder aplacar sua fome da única realidade. Em 24 de agosto de 1924, eles lançaram a primeira e ainda modesta base para a construção do verdadeiro Lar da Libertação para a nova era: a morada *Sancti Spiritus*. Durante essa primeira fase construíram a Escola de Mistérios da Rosacruz, inspirados pelos Manifestos dos rosacruzes da Idade Média. A fim de ter acesso aos textos originais, Jan Leene visitou a *British Library*

em Londres. "Esses documentos encontram-se provavelmente há duzentos anos nas estantes desta biblioteca sem que ninguém sequer tenha olhado para eles!" Em janeiro de 1937, apareceram suas traduções em holandês dos Manifestos: a *Fama Fraternitatis R. C.*, a *Confessio Fraternitatis R. C.* e *As núpcias químicas de Cristiano Rosacruz Anno 1459*, em um único volume, com o título: *O testamento espiritual da Ordem da Rosacruz.*

Ele queria, assim, tornar conhecidos a essência e o chamado da Escola de Mistérios do Ocidente, conforme é dito no frontispício da primeira edição. O objetivo era a reforma geral, o deslocamento da ênfase da vida para o desenvolvimento da alma, de maneira que pelo renascimento ela se preparasse para encontrar o espírito de Deus.

Para elucidar o ideal rosacruz o mais amplamente possível, ele se serviu dos escritos do "filósofo teutônico" Jacob Boehme, do sábio chinês Lao Tsé e do poeta silesiano Johannes Scheffler (1624–1677), que passou a ser conhecido como Ângelo Silésio. Principalmente alguns versos deste último, também citados com freqüência pelo professor Hartog, formaram a base para o desenvolvimento de um ensinamento gnóstico-transfigurístico inteiramente novo para a era atual. Antes da Segunda Guerra Mundial, Jan Leene continuou a publicar ainda com o pseudônimo John Twine. Mais tarde, escolheu o pseudônimo Jan van Rijckenborgh como símbolo da riqueza gnóstica que lhe era permitido transmitir a seus alunos e ouvintes interessados.

Em todas as suas obras ele fez uma ligação com aspectos gnósticos na literatura mundial, mostrando desse modo muitos pontos em comum no hermetismo, na Bíblia e, principalmente, nos Manifestos rosacruzes da Idade Média. Além disso, ele elucidou os *insights* e pensamentos de Paracelso, Comênio e Fludd. Embora rejeitasse o Cristo histórico das igrejas, sua escola era e é puramente cristocêntrica, ou seja: totalmente baseada na força universal de Cristo e em sua atividade onipenetrante.

A obra de J. van Rijckenborgh consiste em milhares de alocuções nas quais a doutrina gnóstica de libertação é o ponto central. Em 1935/36 ele publicava o semanário *Aquarius,* no qual punha abaixo muitos "valores sagrados" e descrevia os acontecimentos vindouros. Por meio do mensário *Het Rozekruis* (A Rosacruz) ele fez soar a voz da Escola em desenvolvimento. A cruz foi plantada no mundo. No "mensário esotérico" *De Hoeksteen* (A pedra angular) ele explicou a base sobre a qual o trabalho de renovação do espírito, da alma e do corpo devia ser realizado. Após sua morte, em 1968, o mensário *De Topsteen* (A pedra do cume) (1969–1978) anunciava o período da colheita. Muitas de suas explanações e alocuções encontram-se registradas na forma de quarenta livros de sua autoria. Esses livros são publicados pela Rozekruis Pers em Haarlem; e, no Brasil, pela Editora Rosacruz, a maioria deles já se encontram disponíveis em dezessete idiomas.

A Escola de Mistérios da Rosacruz desenvolveu-se, transformando-se na Escola Espiritual Internacional da Rosacruz Áurea, que atua em todo o mundo ocidental, possuindo no momento 175 instituições em 36 países.

J. van Rijckenborgh, que sempre considerava o futuro com justificado otimismo, disse em 1968, no final de sua existência: "Espero que minha vida possa ter acrescentado um pequeno golpe de martelo na eternidade".

Glossário

Para que o leitor tenha melhor compreensão da terminologia que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea emprega, figuram neste glossário as palavras que no texto foram acompanhadas de um asterisco (*). O número entre colchetes corresponde à página onde o termo foi mencionado pela primeira vez.

Candelabro sétuplo: Designação mística para as sete luzes que brilham em cada um dos três santuários (cabeça, coração e pélvico) e que sob o impulso das doze luzes aurais determinam a natureza da manifestação humana. [19]

Cátaros: (do gr. *katharos:* puros) Movimento iniciático cristão que se desenvolveu na Europa entre os séculos XI e XIV, sobretudo no Sul da França, na região montanhosa dos Pirineus, conhecida como Sabartez, ou Languedoc. [12]

Dialética: Nosso atual campo de vida onde tudo se manifesta em pares de opostos. Dia e noite, luz e trevas, alegria e tristeza, juventude e velhice, bem e mal, vida e morte, são binômios inseparáveis. Um sucede o outro de maneira inevitável e, assim, um comprova o outro. Em virtude dessa lei fundamental, tudo o que existe nesta ordem de natureza está sujeito a contínua mudança e desintegração, surgir, brilhar e fenecer. Por isso, nosso campo de existência é um domínio do fim, da dor, da angústia, da destruição, da doença e da morte. Por outro lado, de um ponto de vista

superior, a lei da dialética é, ao mesmo tempo, a lei da graça divina. Por meio de destruição e renovação constantes, essa lei impede a cristalização definitiva do homem, ou seja, seu declínio inexorável, sempre lhe oferece nova possibilidade de manifestação e, com isso, nova chance de reconhecer a meta de sua existência e percorrer a senda do retorno mediante a transfiguração, o renascimento da água e do Espírito. [11]

Doutrina Universal: Não é um "ensinamento" no sentido comum da palavra como é encontrada em livros. Na sua essência mais profunda é a vivente realidade de Deus na qual a consciência enobrecida para isso pode ler e compreender a onisciência do Criador. [26]

Éons: 1. Enormes períodos de tempo. 2. Grupo dirigente hierárquico de espaço e tempo, às vezes indicado como *æons* ou *archontes*. Monstruosa formação de potestades da natureza, antidivinas, criadas pelo homem decaído no decorrer dos tempos, em conseqüência de sua vida contrária a Deus, ou seja, pelo pensar, querer e desejar da humanidade decaída, pois todos os seus impulsos, inclusive os pretensos bons, os criam e alimentam. Essas potestades manipulam abusivamente todas as forças naturais da dialética e da humanidade terrena, impulsionando-as a uma atividade ímpia, em prol do próprio e tenebroso objetivo desse grupo: a automanutenção. Esse agrupamento hierárquico conseguiu livrar-se da roda da dialética, às custas, porém, de terrível sofrimento humano. Essa "libertação" apenas poderá ser mantida com incalculável egoísmo, enquanto a humanidade, apesar de ser sua criadora, permanecer como sua presa e acorrentada à roda do nascimento e da morte, aumentando assim e conservando a dor neste mundo. Essas potestades, em seu conjunto, são às vezes denominadas hierarquia dialética ou "príncipe deste mundo". [26]

Escola Espiritual: Escola de Mistérios dos Hierofantes de Cristo. Ver Fraternidade Universal. [10]

Esfera material: Ver esfera refletora. [33]

Esfera refletora: As duas metades que compõem o campo de existência desta ordem de natureza dialética: a esfera material e a esfera refletora. A esfera material é o domínio em que vivemos quando em nosso corpo material. A esfera refletora é a região onde transcorre, entre outras coisas, o processo entre a morte e a vivificação de uma nova personalidade. Abrange, além das esferas do inferno e do chamado purgatório (a esfera da purificação), também a que erroneamente é chamada "céu" e "vida eterna", tanto na religião natural como no ocultismo. Essas esferas denominadas "celestes" e a existência ali estão igualmente sujeitas a um fim, a serem temporais, tal como a existência na esfera material. Logo, a esfera refletora é a morada temporal dos mortos, porém isso não quer dizer que a personalidade do falecido venha novamente a nascer, pois não há sobrevivência para a personalidade. Tão-somente o núcleo mais profundo da consciência, o assim chamado raio espiritual ou centelha dialética, é temporariamente recolhido no ser aural, formando a base da consciência de nova personalidade terrena, a qual é construída pelo ser aural em colaboração com as forças ativas na gestante. [11]

Fraternidade Universal: A hierarquia do reino divino imutável, que constitui o corpo-vivo universal do Senhor, também é conhecida por inúmeros outros nomes, tais como: Igreja Una e Invisível de Cristo, Hierarquia de Cristo, Corrente Gnóstica Universal, Gnose. Em sua ação em prol da humanidade decaída, ela surge, entre outras coisas, como a Fraternidade de Shamballa, a Escola dos Mistérios dos Hierofantes de Cristo ou Escola Espiritual Hierofântica. [10]

Hierofantes da Luz: Ver Fraternidade Universal. [71]

Maniqueus: Membros de um movimento surgido no século III, fundado por Mani, que foi perseguido, acusado de procurar juntar em uma vasta síntese o ensinamento dos primeiros gnósticos, o cristianismo e o budismo. O maniqueísmo ressurgiu nos ensinamentos dos cátaros ou albigenses. [12]

Microcosmo: O homem como *minutus mundus,* pequeno mundo, um sistema de vida de formato esférico no qual se distinguem, do interior para o exterior: a personalidade, o campo de manifestação, o ser aural e um campo espiritual magnético sétuplo. O verdadeiro homem é um microcosmo. O que, neste mundo é entendido pelo conceito de "homem" é apenas a personalidade desfigurada de um microcosmo degenerado. A consciência atual é uma consciência da personalidade, e, por essa razão, também apenas é consciente do campo de existência ao qual pertence. [9]

Moral-racional: Na terminologia da Rosacruz Áurea, esse termo indica que, mediante a sensibilização pela Gnose, a razão e a emoção obtêm discenimento e compreensão do que a senda exige. [50]

Roda do nascimento e da morte: Também denominada "roda da dialética". É o repetido ciclo de nascimento, vida e morte da personalidade seguido da reencarnação do microcosmo mediante uma nova personalidade que, então, segue o mesmo caminho. [67]

Sistema simpático: Parte do sistema nervoso que, no homem dialético, não está sob o controle da vontade, mas funciona automaticamente; refere-se mais especialmente aos dois cordões de nervos situados à direita e à esquerda da medula espinal. Este par de cordões junta-se na parte superior da medula espinal, na glândula pineal. [76]

Outros livros de J. van Rijckenborgh

- O advento do novo homem
- Análise esotérica do testamento espiritual da Ordem da Rosacruz em quatro volumes:
  Vol. I: O chamado da Fraternidade da Rosacruz
  Vol. II: Confessio da Fraternidade da Rosacruz
  Vol. III: As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz - t. 1
  Vol. IV: As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz - t. 2
- Christianopolis
- Filosofia elementar da Rosacruz moderna
- A Gnose em sua atual manifestação
- A Gnosis original egípcia - tomos 1, 2, 3 e 4
- A luz do mundo
- O mistério das bem-aventuranças
- O mistério iniciático cristão: Dei gloria intacta
- O mistério da vida e da morte
- Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia
- Não há espaço vazio
- Um novo chamado
- O Nuctemeron de Apolônio de Tiana
- O remédio universal

Livros em co-autoria com Catharose de Petri

- O caminho universal
- A Gnosis Chinesa
- A Gnosis universal
- A grande revolução
- O novo sinal
- Reveille!

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13.240-000 – Jarinu – SP – Brasil
tel (11) 4016.1817 – 3061.0904 – fax 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br

IMPRESSO PELA GEOGRÁFICA
A PEDIDO DA EDITORA ROSACRUZ EM NOVEMBRO DE 2007

A Fraternidade de SHAMBALLA

J. van Rijckenborgh

Muitas são as lendas sobre Shamballa, a cidade
dos deuses, localizada no coração do deserto de Gobi,
onde muito antes da civilização pré-lemuriana existia
um grande mar interior. Em doze ilhas, no coração
desse mar, vivia o "último remanescente" da raça divina.

Esses habitantes eram denominados
"os Filhos da Vontade e da Ioga", ou
"Elohim", senhores de todos os segredos da natureza
e detentores da Palavra impronunciável, agora perdida.

Inúmeros buscaram em vão essa cidade,
pois é impossível encontrá-la por meios comuns.
Tanto por terra como por ar, Shamballa é
cuidadosamente protegida contra intrusos.
Há apenas sete entradas secretas, indicadas
em termos velados como as sete passagens
subterrâneas para Shamballa.

Neste livro, o autor abre essas sete passagens
para o leitor interessado.

EDITORA Rosacruz

ISBN: 978-85-88950-43-6

9 788588 950436